

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Georgia Baseggio Spilka

A Liga: um estudo sobre informação e entretenimento na
televisão brasileira

Passo Fundo

2017

Georgia Baseggio Spilka

A Liga: um estudo sobre informação e entretenimento na
televisão brasileira

Monografia apresentada no curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Ms. Nadja Hartmann.

Passo Fundo

2017

A jornada em busca de um sonho sempre é rodeada de muitos altos e baixos. Nos altos, sempre tive o prazer de compartilhar as conquistas com meus pais, Felix e Ediane, e nos baixos, não poderia ser diferente. Sem o apoio de ambos, não teria chegado até aqui.

Também não seria justo não agradecer todo o esforço de minha orientadora, sempre tão atenciosa e paciente, professora Nadja Hartmann, que nesses anos todos, me ensinou muito. A todos os professores e colegas do curso de Jornalismo pela troca de experiências, e por todos os lugares que passei que me fizeram crescer profissionalmente.

Por fim, os amigos que me acompanham desde o berço, aos que tive o prazer de conhecer na escola e faculdade e aos que cativei nesta caminhada.

Esta conquista é de todos nós.

RESUMO

Este estudo buscou compreender de que forma o jornalismo e o entretenimento se enquadram no programa A Liga – programa de reportagens transmitido desde 2010 pela Rede Bandeirante de Televisão. Para que esta pesquisa se tornasse possível, foi utilizado o aparato metodológico de análise de conteúdo e a avaliação de três programas: o episódio exibido em maio de 2014, sobre o ritual do Santo Daime; maio de 2015 sobre treinamento militar no Brasil; e maio de 2016 sobre a pacificação das favelas cariocas. Usando como base metodológica as teorias de Herscovitz, citado por Cláudia Lago e Marcia Benetti (2010), foi constituída uma classificação em categorias para analisar cada um dos programas. Dentro dela, os itens de análise foram compostos por modelos de reportagem; segmentos da reportagem; diferenças entre informação, entretenimento e jornalismo gonzo. Porém, conforme a pesquisa avançava, ficava mais clara a identificação do programa com o jornalismo – em especial com o jornalismo gonzo – e se distanciava cada vez mais da forma de entretenimento.

Palavras-chave: A Liga; TV Bandeirantes; Jornalismo Gonzo; Reportagem; Telejornalismo.

ABSTRACT

This study sought to understand how journalism and entertainment fit into the "A Liga" program - a reporting program broadcast from 2010 by Rede Bandeirante de Televisão. In order to make this research possible, the methodology of content analysis was used and the analysis of three episodes: the first was shown in May of 2014, about the Santo Daime ritual; May 2015 on military training in Brazil; And May 2016 on the pacification of the Rio de Janeiro favelas. Using Herscovitz's theories as a methodological basis, cited by Cláudia Lago e Marcia Benetti (2010), a classification into categories was created to analyze each of the episodes. Within it, the analysis items were composed of reportage models; Segments of the report; Differences between information, entertainment and gonzo journalism. However, as the research progressed, the identification of the program with journalism has become clearer - especially with gonzo journalism - and was increasingly distanced from the form of entertainment.

Keywords: A Liga; TV Bandeirantes; gonzo journalism; reportage; telejournalism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – A TELEVISÃO NO BRASIL	11
1.1. Telejornalismo	12
1.2. Reportagem	17
1.3. Grande reportagem	20
1.4. A produção da reportagem	22
CAPÍTULO 2 – INFOTENIMENTO	24
2.1. <i>New journalism</i> e jornalismo gonzo.....	26
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	30
3.1. A Liga	30
3.2. Análise de conteúdo	32
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE	35
4.1. Descrição do programa 1 – 20 de maio de 2014	36
4.1.1. Análise do programa 1.....	40
4.2. Descrição e análise do programa 2 – 5 de maio de 2015	43
4.2.1. Análise do programa 2.....	46
4.3. Descrição e análise do programa 3 – 10 de maio de 2016	51
4.3.1. Análise do programa 3.....	53
4.4. Resultados da análise	56
4.4.1. Análise quantitativa	56
4.4.2. Análise qualitativa	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

FIGURAS

Figura 1: Logotipo do programa A Liga	35
Figura 2: Mariana Weickert participou do ritual do Santo Daime em 2014	36
Figura 3: A edição usa o GC para mostrar a primeira dose, a hora e a localização	39
Figura 4: Mariana Weickert em primeiro plano	43
Figura 5: Selo identifica a localização da repórter	44
Figura 6: Diário em vídeo produzido por Mel Fronckowiak	45
Figura 7: Número de favelas no Rio de Janeiro – dados 2016	51

TABELAS

Tabela 1: Modelos de reportagem	56
Tabela 2: Segmentos de reportagem	57
Tabela 3: Informação X entretenimento	57

ANEXO 1	65
---------------	----

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou entender de que forma o jornalismo e o entretenimento se cruzam no programa A Liga, um programa de reportagens transmitido pela Rede Bandeirantes de televisão. Classificado como entretenimento pela própria emissora, o programa exibido desde maio de 2010, trata de assuntos polêmicos. De maneira geral, o programa mostra uma forma de jornalismo mais livre do formato tradicional de reportagens telejornalísticas e trata de assuntos sociais e que muitas vezes são tabus. Em 2016 exibiu a sexta temporada, mas sem previsão para novos programas este ano. Quando ainda televisionado, costumava ir ao ar nas segundas-feiras, às 22h30 (com variações devido à programação). Apresentado por Thaíde, Mariana Weickert e Cazé, em 2016 contou com a participação de Maria Paula e Guga Noblat no elenco.

O objetivo deste estudo foi entender como se dá a imbricação entre o jornalismo e o entretenimento no programa. Nota-se que jornalismo vem aderindo cada vez mais ao entretenimento nas reportagens, produzindo conteúdo com mais recortes de um só tema, como é o caso do programa em estudo. Foi importante também entender o conceito de reportagem, para que se pudesse delinear aspectos ligados ao jornalismo. Dentro disto, foram analisados três episódios, para avaliar se eles se enquadram dentro do que está previsto nas teorias e conceitos do jornalismo previamente propostos. Este foi um ponto explorado para que se entendam os conceitos de *infotainment*, explorando também o conceito de *new journalism* e jornalismo gonzo na abordagem das reportagens.

A relevância do trabalho se justificou por se tratar de um programa transmitido em rede nacional. Além disso, o jornalismo tem se apropriado da questão do entretenimento para trabalhar com grandes reportagens. Outro ponto importante, é o fato de os episódios serem disponibilizados no *YouTube*¹. Com isso, qualquer pessoa que tenha acesso à internet, pode conferir os programas na íntegra, possibilitando acesso aos temas abordados.

Com a prestação de serviço e o entretenimento de mãos dadas, o telejornalismo se esforça no sentido de conseguir atrair mais telespectadores. As reportagens compostas basicamente a partir de entrevistas, e a postura dos apresentadores de sempre “viver na pele” um dia da profissão ou condição do entrevistado, são fatores que aproximam o programa do formato do jornalismo gonzo. Como, por exemplo, as reportagens em presídios, onde um dos

¹ “A palavra “youtube” foi feita a partir de dois termos da língua inglesa: “you”, que significa “você” e “tube”, que provêm de uma gíria que muito se aproxima de “televisão”. Em outras palavras seria a “televisão feita por você”” Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>

apresentadores passa 24 horas com os detentos para entender o seu dia a dia e histórias pessoais dos personagens.

O trabalho fez uso das publicações científicas – livros e artigos – relacionados ao tema, de diversos autores, como Felipe Pena (2015), Fábria Angélica Dejavite (2006), Olga Curado (2002) e Guilherme Jorge de Rezende (2000), bem como seu fichamento. Um estudo descritivo sobre o assunto, além da avaliação de episódios específicos do programa A Liga.

Os episódios avaliados foram escolhidos pelo mês de estreia do programa na Rede Bandeirantes de Televisão. Sendo assim, episódios do mês de maio dos anos: 2014, 2015 e 2016 foram analisados. Os anos foram delimitados por conta da atualidade. Os episódios são: o programa do dia 20 de maio de 2014; outro, do dia 5 de maio de 2015; e por fim, o programa televisionado no dia 10 de maio de 2016.

Muitos autores debatem a questão da fronteira entre o entretenimento e o jornalismo, como no caso de Habermas, citado por Dejavite (2006), que define como “borradas” estas fronteiras. Mark Deuze, também citado na obra de Dejavite (2006), defende que o *infotainment* é aquele jornalismo que traz informação, presta serviço e oferece divertimento ao mesmo tempo. Já Claude-Jean Bertrand alerta para o risco de que a “notícia *light* se sobreponha ao conteúdo mais sério (como o de política e o de economia) e mude o que nós conhecemos por notícia” (apud DEJAVITE, 2006, p. 73).

A partir destes contrapontos, o presente trabalho buscou entender como os temas são apresentados no programa e, a partir disso, em quais pontos a abordagem pode ser classificada como jornalismo e quais ficam ligados ao entretenimento, já, que no site da emissora, o programa é classificado como entretenimento. Portanto, o problema de pesquisa deste trabalho é: “Qual o limite entre o entretenimento e o jornalismo no programa “A Liga”?”.

Para isso, será utilizado o método de análise de conteúdo. Earl Babbie, citada no livro de Cláudia Lago e Marcia Benetti (2010), defende que a análise de conteúdo é livre de intromissão direta no objeto de estudo (2010, p. 124). Segundo Herscovitz, citado pelas autoras, o profissional vai descobrir um meio de perceber o produtor da notícia, o receptor desta, a coordenação que ordena o veículo, e o processo produtivo e aspectos culturais nele atribuídos (apud LAGO, BENETTI, 2010).

A partir da análise dos programas exibidos, buscou-se compreender o limite entre o jornalismo e o entretenimento e onde há o cruzamento de ambos. A análise se baseia no conteúdo e no formato das reportagens, bem como os recortes. Com base nas teorias de Herscovitz, citado por Lago e Benetti (2010), será constituída uma classificação em categorias

para analisar cada um dos programas. Dentro dela, os itens de análise foram compostos por modelos de reportagem; segmentos da reportagem; diferenças entre informação, entretenimento e jornalismo gonzo.

No primeiro capítulo, foi abordada a história da televisão. Para falar da notícia na televisão, é preciso apresentar um pouco da história do meio televisivo na sociedade brasileira. Aqui, foi abordado um breve contexto do início da televisão no Brasil e, para dar seguimento, um pouco mais detalhado da história da Rede Bandeirantes de Televisão, emissora que transmite o programa, foco deste trabalho. Visto isso, a parte teórica jornalística no telejornalismo, sob a ótica de autores como Olga Curado (2002), Guilherme Jorge de Rezende (2000) e Flávio Porcello, Alfredo Vizeu e Iluska Coutinho (2013), e também tratar de reportagem, grande reportagem e sua produção com o apoio dos autores Nilson Lage (2004) e Felipe Pena (2015).

O segundo capítulo contemplou a questão mais voltada ao entretenimento. Como já citado, A Liga é considerado pela própria emissora um programa que entretém. Esta discussão entre o que é entretenimento e o que é jornalismo está presente em teorias de Guy Debord (1997) e Fabia Angélica Dejavitte (2006). Neste capítulo foi abordada a questão do *infotainment* e do jornalismo gonzo, que se apoia na participação total do repórter na notícia, fazendo com que ele participe ativamente de todas as atividades do grupo em questão.

O terceiro capítulo trouxe a questão metodológica usada para o estudo. O presente trabalho fez uso das publicações científicas – livros e artigos – de diversos autores, como Cláudia Lago e Marcia Benetti (2010), Ana Carolina Temer e Bruna Vanessa Dantas Ribeiro (2015) e Luciene Mendes Lacerda (2007), que são relacionados ao tema.

A descrição e análise dos três programas escolhidos, bem como as análises quantitativa e qualitativa compõe o quarto capítulo deste trabalho. Foram apresentadas grades de comparação quantitativa e na sequência uma análise detalhada – qualitativa – de todos os aspectos propostos. Por fim, as considerações finais sobre o estudo e propostas para futuras pesquisas na área.

1. A TELEVISÃO NO BRASIL

Neste primeiro capítulo é abordada a história da televisão. Para falar da notícia na televisão, é preciso apresentar um breve histórico do meio televisivo na sociedade brasileira. Aqui, será abordado um breve contexto do início da televisão no Brasil e, para dar seguimento, um pouco mais detalhado da história da Rede Bandeirantes de Televisão, emissora que transmite o programa, foco deste trabalho. Visto isso, a parte teórica jornalística no telejornalismo e também tratar de reportagem, grande reportagem e sua produção.

Segundo os autores Ana Paula Goulart, Igor Sacramento e Marcos Roxo (2010), a TV Tupi Emissoras de São Paulo foi inaugurada oficialmente em 18 de setembro de 1950. Para Bistane e Bacellar (2014), dois anos mais tarde, em 1952, foi ao ar a primeira edição do Repórter Esso, transmitido até 31 de dezembro de 1970. Em meio a isso, em outubro de 1959, surge a primeira legislação que impõe censura à televisão brasileira.

Conforme o *site*² da Rede Bandeirantes de Televisão, a emissora iniciou suas transmissões televisivas em maio de 1967. E em 1972 foi responsável pela primeira transmissão em cores da televisão brasileira. 1976 foi o ano em que a marca cresceu. Com a aquisição das emissoras “TV Vila Velha” e “TV Guanabara”, o canal se oficializou como Rede Bandeirantes de Televisão. E em 1982, fazia sua primeira transmissão de TV via satélite no Brasil. Lançado em 1980, o Jornal Primeiramão foi o pioneiro.

No site também consta outra referência da marca Bandeirantes, que aconteceu em 1955, com a criação da Cadeia Verde-Amarela, que integrava mais de 150 emissoras de rádio. Entre os anos de 2004 e 2007, diversos canais radiofônicos foram incorporados à marca. A BandNews FM foi inovadora por ser considerada a primeira rede de notícias 24 horas no ar e com jornais atualizados a cada 20 minutos. Também foi lançada a SulAmérica Trânsito, a primeira rádio da América Latina com programação exclusiva para cobertura do trânsito.

Segundo a história do grupo, disponível no site da emissora, a Band foi o primeiro canal de televisão brasileiro a realizar debates entre candidatos políticos. Em 1982 entrou no meio governamental promovendo o debate entre os candidatos ao governo de São Paulo; em 1989, para Presidência da República.

Dando sequência à linha do tempo disponível no site, em 1996, a emissora construiu a maior torre de transmissão da América Latina. O século XXI começou trazendo a Era Digital para a televisão brasileira, e em 2001, a Band criava a primeira Central de Jornalismo. Ao

² História do grupo Bandeirantes disponibilizada no site da emissora.
Disponível em: <http://www.band.uol.com.br/grupo/historia.asp>

mesmo tempo, era lançado o canal BandNews, o primeiro canal de TV nacional com informação 24 horas por dia no ar.

Ainda segundo site, uma crescente para o mundo dos esportes começou em 2002, quando foi criado o Canal BandSports. Mais tarde, em 2006, a Band faria a primeira transmissão da Copa do Mundo alta definição (HD). E em abril de 2010, foi responsável pela primeira transmissão corrida automobilística, a SP Indy 300, em 3D.

Dentro da evolução histórica da televisão, as teorias em volta do telejornalismo também foram se modificando com o passar dos anos. A seguir, será abordada a questão teórica que acompanha o jornalismo na televisão, bem como a conversa entre um autor e outro.

1.1. Telejornalismo

Para iniciar a questão do telejornalismo, é importante a abordagem sobre gêneros jornalísticos por conta do objeto de estudo. Para os autores José Marques de Melo e Francisco de Assis (2013), os gêneros jornalísticos podem ser divididos em: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

Para os autores, o gênero informativo pode ser apresentado em quatro vertentes: nota – que se define a partir da ideia de que é um relato de um acontecimento que está em processo de construção; notícia – a notícia pode ser definida com um relato integral de um fato que já eclodiu na sociedade; a reportagem – é um relato ampliado de um fato que também já repercutiu na sociedade; e por fim, a entrevista – seria um relato que põe como protagonista um ou mais personagens (MELO, ASSIS, 2013).

O segundo gênero, opinativo, pode ser definido como um gênero consolidado. Segundo Marques de Melo (2003), o opinativo

emerge de quatro núcleos: a) da empresa, b) do jornalista, c) do colaborador, d) do leitor. Dessa forma, a opinião da empresa é destacada de forma opinativa no editorial. A opinião do jornalista se reflete nas categorias: comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura e no artigo, que eventualmente pode ser escrito por um intelectual ou colaborador. O leitor participa desse processo opinativo através de cartas (MELO, 2003, apud MELO, ASSIS, 2013, p. 97).

Para Marques de Melo (2003), o gênero interpretativo pode ser considerado um gênero que se aproxima do que é conhecido como reportagem. Foi considerado por Marques de Melo (2003) como uma forma de aprofundamento da informação: “esforço analítico e documental

que procurou situar mais precisamente o cidadão diante dos acontecimentos” (apud MELO, 2003, p. 47).

A autora Tyciane Viana Vaz (2008) cita Marques de Melo, que define o gênero utilitário como um gênero operacional ou um jornalismo de serviço, “tem como uma das características principais a atualidade, porém, sem o fator novidade” (VAZ, 2008, p. 5). “Outra peculiaridade é que colabora na tomada de decisões na sociedade de consumo” (VAZ, 2008, p. 5).

Por fim, o gênero diversional, de acordo com Francisco de Assis (2008), pode ser dividido em duas vertentes: a primeira, é relacionada a questão do entretenimento e divertimento; e a segunda, está ligada ao *new journalism*, por conta de sua relação com o jornalismo literário.

Olga Curado (2002) explica que, cumprindo uma determinação legal, o telejornal é parte da programação da televisão brasileira. “O decreto lei 52.795 de 31.10 1963, que trata do regulamento dos serviços de radiodifusão, estipula que as emissoras dediquem cinco por cento do horário da programação diária ao serviço noticioso” (CURADO, 2002, p. 15).

A autora complementa que os noticiários existem para atualizar o público sobre o que está acontecendo naquela semana, no dia e no momento. Para Curado (2002), o telejornal, vai ao ar para oferecer esclarecimento sobre fatos do cotidiano. “O limite do jornalismo é a verdade” (CURADO, 2002, p.17).

Wolton (1996) acredita que a identificação e a representação na TV resultam em uma interação constante entre os espectadores e o que a televisão passa para quem a assiste. “Não é porque todo mundo vê a mesma coisa que a mesma coisa é vista por todo mundo” (WOLTON, 1996, p.69).

Flávio Porcello, Alfredo Vizeu e Iluska Coutinho (2013) citam como exemplo o episódio que marcou a história brasileira em 2013. O movimento “Vem pra rua” mobilizou milhões de pessoas pelo Brasil para irem às ruas protestar, inicialmente, pelo aumento do valor das passagens do transporte público.

Este novo episódio ocorreu no dia 17 de junho de 2013, uma segunda-feira, quando o povo brasileiro, que se organizou através das redes sociais, foi para as ruas. Foi um dia atípico na cobertura diária do Jornal Nacional, da TV Globo, que, em trinta e quatro minutos de programação ativa, ocupou 25 minutos e trinta segundos, ou seja, quase 75% do telejornal, transmitindo todos os acontecimentos ligados às manifestações de rua no país (PORCELLO, VIZEU, COUTINHO, 2013, p. 45).

Neste contexto, a narrativa do telejornal, para Porcello, Vizeu e Coutinho (2013), quanto ao momento histórico vivido pelos brasileiros, e a transmissão pelo telejornal consolidou na memória da população uma ideia mais otimista da nação como um todo. Em sua obra, os autores citam Gonzaga Motta, que defende que “narrativas são processos que dão significado à vida humana, nas diferentes culturas” (apud PORCELLO, VIZEU, COUTINHO, 2013, p. 46).

Para os autores Porcello, Vizeu, Coutinho (2013), com isso, a narrativa se torna um produto cultural inserido em um determinado contexto histórico. Símbolo da realidade ou mera reprodução, a narrativa é uma construção do discurso, um texto organizado para dar sentido às experiências da vida cotidiana. É o que acontece na narrativa do telejornal.

Já para Wolton (1996), o fato de a televisão ser bem sucedida, no que diz respeito à conquista do público, é resultado da problemática atual da comunicação. Esta condição continua sendo uma das grandes qualidades - mesmo que por vezes contraditória - da comunicação em massa.

Para uma classificação quanto à linguagem do meio televisivo, Rezende (2000) destaca que a televisão se divide entre: icônica – que se refere à percepção visual; linguística – se refere à linguagem que se fala e escreve, além de abranger uma grande variação de palavras e frases; e por fim, a sonora – é “relativo à música e aos efeitos sonoros, os signos se manifestam também isolados ou como parte de uma montagem” (REZENDE, 2000, p. 39). E elege como o mais importante, o icônico. A conexão da imagem com o signo é sugestiva. O autor cita o exemplo de uma “estrela”, se aparecer na tela, uma estrela do cinema ou dos esportes, o telespectador irá identificá-lo no mesmo instante, cada uma no seu significado (REZENDE, 2000).

O autor argumenta que, baseado na forte expressão da imagem, a linguagem televisiva se torna universal. E conclui que, pressupondo-se que a imagem é a reprodução análoga do mundo concreto, [...] o mesmo não se aplicaria à linguagem verbal, porque cada língua dispõe de palavras próprias para nomear as coisas (REZENDE, 2000).

Por outro lado, Porcello, Vizeu e Coutinho (2013) citam Katz e Lang que trata da construção simbólica da TV. Ele usa a ideia de que o estudo dos eventos visto na televisão combinam três fatores principais - o cognitivo, o afetivo e o integrativo – que se unem ao pensamento, o conhecimento e o sentimento. Aliado a estes fatores, o autor defende que a televisão tem o poder de interromper a vida social e, conseqüentemente, provocar uma experiência coletiva. Além disso, Katz também afirma que os meios de comunicação tem o

poder de definir e colocar em questão algumas fronteiras entre grupos sociais, que antes, já haviam sido definidos (apud PORCELLO, VIZEU, COUTINHO, 2013).

Para Curado (2002), uma das exigências da televisão é a clareza para noticiar. Segundo a autora, o apontamento que a TV transmite não pode confundir quem a escuta. A informação deve chegar ao receptor sem falhas. A precisão é fundamental para a notícia ir ao ar com credibilidade. E para isso acontecer, a fonte da informação deve ser de qualidade (p. 20).

Rezende (2000) comenta sobre o livro *Crônicas de um repórter*, de Pedro Bial, que diz que “não é um elogio o texto do repórter ser comparado com o do poeta” (apud REZENDE, 2000 p. 64). Para ele, a notícia deve ser clara e objetiva. Porém, nem sendo tão distinto, o texto jornalístico se detenha apenas à informação. Ou seja, “A mensagem informativa deve avaliar o compromisso prioritário com a inteligibilidade, com o objetivo de proporcionar, à audiência que a recebe, além da assimilação, a possibilidade de uma reelaboração crítica dos conteúdos transmitidos” (REZENDE, 2000, p. 64).

Estas afirmações se esclarecem através da defesa do autor quanto à utilização de uma linguagem coloquial – mais próxima do cotidiano – para a televisão. O autor Paul Valery, citado por Luciana Bistane e Luciane Bacellar (2014) comenta: “Entre duas palavras, escolha a mais simples. Entre duas palavras simples, escolha a mais curta” (apud BISTANE, BACELLAR, 2014, p. 14).

Em contrapartida, Curado (2002) cita em sua obra que um dos desafios do repórter é escrever uma matéria para a televisão. “Resumir uma história em vinte segundos é um desafio maior, e é um desafio que o redator vence quando a história é bem contada” (CURADO, 2002, p. 117).

A autora acredita que em nenhum fator – seja ele a escrita, a narrativa, ou a escolha de palavras inadequadas – dado na notícia, pode confundir quem a escuta. “A maneira como a notícia é apresentada não pode despertar dúvidas quanto ao seu significado. Se o espectador precisar se perguntar se compreendeu o sentido do que ouviu, a notícia não foi dita com clareza” (CURADO, 2002, p. 20).

Rezende (2000) afirma que “uma fala espontânea tende a ser mais agradável do que um discurso lido” (REZENDE, 2000, p. 57). O autor usa esta justificativa para defender que a fala é mais natural e agradável do que um texto escrito. “A palavra falada, a impressão que se tem é que ela, de tão livre, não se contém na sua compulsão de comunicar, sobretudo emoções” (REZENDE, 2000, p. 57).

O autor cita Eleonora Motta Maia ao longo de sua obra. Quando Maia comenta que “a fala, mais do que um meio de comunicar emoção, torna-se o próprio objeto de paixão” (apud REZENDE, 2000, p. 58). Porém, logo explica que, o que pretende em sua obra, é traçar um “paralelo entre o processo da língua falada e da língua escrita no âmbito da prática televisiva, de modo geral, e, especificamente, do telejornalismo” (apud REZENDE, 2000, p. 58).

A linguagem oral contribui então para que o discurso televisivo cumpra uma de suas visões básicas, descrita anteriormente: a função fática. Sem dúvida quanto a maior exigência de simulação de diálogo para estabelecer e manter contato com o telespectador por meio de um programa de TV, maior é a necessidade de emprego de comunicação oral. A adequação da mensagem a esse tom de conversa, que reduz consideravelmente os efeitos negativos próprios de uma relação unilateral, aplica-se a qualquer tipo de programas, entre os quais jornalísticos (MAIA, apud REZENDE, 2000, p. 58).

É nesse sentido que autores como Rezende (2000) e Wolton (1996) defendem a importância da linguagem coloquial dentro da televisão, e, sobretudo, do telejornal. Curado (2002), por sua vez, se apoia na teoria de que a mensagem não pode permitir que o receptor reflita sobre a notícia. Ela não pode deixar dúvidas. Precisa ser clara. “Se o espectador precisar se perguntar se compreendeu o sentido do que ouviu, a notícia não foi dita com clareza” (CURADO, 2002, p. 20).

Então, para Rezende (2000), o jornalista deve elaborar sua mensagem de forma que combine a linguagem culta e o coloquial, usado no dia a dia. “Esse pensamento que considera língua sinônimo de meio de comunicação e nunca escravizada às regras gramaticais é o critério que deve nortear até mesmo a comunicação escrita na literatura” (REZENDE, 2000, p. 61). Rezende (2000) também comenta sobre a diferença de linguajar que programas mais populares usam na televisão.

Para reforçar sua ideia, Rezende (2000) traz o conceito de Iván Tubau: “falar bem [...] não é necessariamente fazê-lo de acordo com a gramática normativa [...] mas dizer o que se quer dizer de modo mais eficaz para ser entendido pelo maior número de pessoas” (apud REZENDE, 2000, p. 62).

A emoção que a televisão carrega é resultado das escolhas do jornalista. As palavras e as imagens certas são a combinação perfeita para uma boa reportagem. Visto o discurso, o foco passa a ser a questão da imagem. Wolton (1996) defende que a TV é uma representação de gênero ímpar, que se volta a um público anônimo e heterogêneo, que se mantém conectado constantemente a uma programação que oferta uma programação quase permanente de imagens e *status* diferentes.

Wolton (1996) argumenta que a imagem da televisão tem a necessidade de um contexto. E é especialmente por conta disso que a TV é tão diferente do cinema. Ela compõe um exercício de comunicação social. Isto é, remete a um momento e a um contexto específico na atualidade.

Dizer que não existem imagens de televisão sem contexto de produção e recepção enfatiza também a dimensão social da televisão, que se encontra nas duas características de sua imagem: a identificação e a representação. Estas não lhe são próprias, aplicam-se a todas as imagens animadas, mas assumem também aqui uma dimensão particular, uma vez que a televisão é o principal instrumento de percepção do mundo da grande maioria da população. (WOLTON, 1996, p. 69)

Em sua obra, Felipe Pena (2015) cita a revista norte-americana *Collier's Weekly*, que considera a notícia uma realidade que traz tudo que o público precisa saber e tudo que o mesmo anseia falar.

1.2. Reportagem de TV

A notícia na televisão pode ser apresentada de formas variadas, sempre acompanhando o que o programa propõe. Com isso, neste tópico, a questão da reportagem será explanada. Desde seu contexto histórico, até formas de trabalhar com ela.

Dentro do jornalismo têm-se diversos caminhos. Para defini-los melhor, autores como José Marques de Melo (2003), Lia Seixas (2003) e Felipe Pena (2015), tentam separá-los em gêneros. Melo (2003) defende a importância de estudar gêneros jornalísticos, argumentando que tal estudo é fundamental para a criação de uma identidade do jornalismo como parte de pesquisas científicas.

Para a autora Lia Seixas, professora da Universidade Federal da Bahia, a questão dos gêneros jornalísticos, desde a década de 50, tem sido um debate constante na academia. “A principal crítica, hoje, é que não acomoda a grande variedade produzida pela evolução da atividade jornalística, da qual surgem gêneros “mistos”, influenciados pelas novas mídias (digitais)” (apud PENA, 2015, p. 70).

Na Espanha, a Universidade de Navarra deu o pontapé inicial nos estudos de gênero. A partir de 1959, os primeiros centros de investigação determinaram os textos em: informativos, explicativos, opinativos e de entretenimento. E mais tarde foram alterados para: narrativos, descritivos e argumentativos. O Brasil também teve nomes importantes no meio jornalístico. Luiz Beltrão foi o pioneiro nos estudos e o professor José Marques de Melo

(2003) foi mais específico em sua classificação. Usou os seguintes critérios: finalidade no texto ou disposição psicológica do autor, ou também referente à intenção do mesmo; estilo; modos de composição textual ou na composição da estrutura; natureza do tema; e a interferência da cultura na obra (PENA, 2015, p. 67).

Melo (2003) é citado na obra de Pena (2015), onde apresenta a diferença entre nota, notícia e reportagem. O autor delibera “nota” como um processo em construção. O fato é novo e ainda estão sendo colhidas as informações; Na “notícia”, o relato se torna mais concreto. Com todas as informações na mão, a notícia é passada com credibilidade; E por fim, a “reportagem”, que é definida como um relato mais detalhado de um fato que já repercutiu na sociedade.

Os autores Alexandre Carvalho, Fábio Diamante, Thiago Bruniera e Sérgio Utsch (2010) dizem que a reportagem é a essência de qualquer telejornal e ela depende completamente do ponto de vista que o repórter escolhe abordar. Carvalho (2010) contextualiza – historicamente – a reportagem dizendo:

Até o fim da década de 1990, essa modalidade do telejornalismo estava um tanto quanto esquecida, seja pelo custo, pela escassez de profissionais aptos ou pela análise de que o “algo mais” não era tão necessário. Desde o início dos anos 2000, é rara a semana em que pelo menos uma das emissoras de canal aberto não apresente reportagens especiais sobre os mais variados assuntos (CARVALHO et al., 2010, p. 21 - 22).

A reportagem é um segmento muito importante do jornalismo. Para Felipe Pena (2015), “a definição de reportagem quase sempre é construída em comparação com a notícia” (PENA, 2015, p. 74). O autor faz um apelo importante no início do capítulo sobre o assunto, quanto ao perigo da romanização da função, citando como exemplo o famoso caso de Tim Lopes, que foi morto por conta de uma matéria sobre tráfico na Favela da Grota no Rio de Janeiro em 2002 (PENA, 2015).

Ainda na obra de Pena (2015), Nilson Lage rebate com o argumento de que é o detalhamento do tema que define o interesse no assunto e, conseqüentemente, o maior número de dados para o repórter contextualizar um todo com clareza para que todos entendam os fatos (apud PENA, 2015, p. 75).

O autor João de Deus Corrêa, citado na obra de Pena (2015), comenta que a reportagem é um conto jornalístico de cunho pontual. É contado de forma que envolva o leitor e normalmente de mérito atual. Tal matéria tem a função de aprofundar a investigação quanto aos personagens e os fatos (apud PENA, p. 75).

Pena (2015) cita ainda, os seis modelos de reportagem: A *reportagem de perfil*, que trata da imagem psicológica de alguém, a partir de depoimentos de pessoas próximas ou do próprio personagem; a *reportagem de fatos* se apropria da dramaticidade de um fato e explora o assunto, analisando novos recortes sobre o tema; a *reportagem polêmica* trata justamente de assuntos polêmicos. Pode ser por um acontecimento, ou por uma pauta do veículo; a *reportagem monotemática* relaciona um acontecimento a outros antigos para relacionar e contextualizar o fato, bem como com intenção de criar uma adesão do público; a *reportagem de ação* utiliza de artefatos mais cinematográficos para ser produzida. Ela apela para o visual, com a narrativa mais coloquial e rápida; por fim, a *reportagem documental* que exige um pouco mais de dedicação do repórter. Consistem em coleta de depoimentos e cuidado na escolha de documentos que deem credibilidade (2015, p. 77 - 79).

Para Lage (2004), a reportagem tem três segmentos: *investigativa*: que visa descobrir um fato ou detalhes escondidos pelos interessados; *interpretativa*: pretende interpretar dados (muito semelhante à função do jornalista científico); e *novo jornalismo*: que usa a contextualização de um fato através de obras literárias (p. 77).

Carvalho (2010) aponta que o que transforma uma simples matéria em uma reportagem especial, é o cuidado maior, tanto na questão do conteúdo, quanto no audiovisual do material exibido. A reportagem também dá chance ao jornalista de aprofundar assuntos de interesse público, transformando em uma reportagem mais elaborada ou até mesmo em uma série.

Carvalho (2010) contextualiza que até o fim de 1990, mesmo sem nenhum motivo específico aparente, as reportagens haviam sido deixadas um tanto de lado. Com o passar dos anos, já no século XXI, tornou-se rara a semana em que pelo menos um veículo de canal aberto não apresentasse pelo menos uma reportagem especial.

Aor da Cunha (1990) traz uma definição do que seria a diferença entre a notícia e a reportagem. O autor entende por notícia aquele trabalho que o repórter consegue concluir apenas levantando informações e colhendo dados. Já a reportagem é determinada como uma pesquisa mais aprofundada. É uma investigação completa sobre fatos específicos.

Esta definição de Cunha (1990) pode confirmar o que Carvalho (2010) cita em sua obra. Para o autor, esta onda de grandes reportagens se dá por conta de os profissionais buscarem apresentar um jornalismo melhor e mais completo ao telespectador associada à questão do mercado; onde muitos veículos estão em busca de apresentar um conteúdo melhor, porém com o intuito de ganhar mais audiência.

Por sua vez, Carvalho (2010) provoca, questionando o verdadeiro significado de “reportagem especial”, quando há outros critérios orientando as redações. “Por exemplo: o que tornou os casos Isabella Nardoni³, do garoto João Hélio⁴, ou do índio pataxó⁵ queimado em Brasília mais “especiais” do que outros semelhantes?” (CARVALHO, et. al. 2010, p. 22).

O autor segue defendendo sua ideia condenando que a localização geográfica dos casos tenha pesado mais. “Além da importância jornalística dos fatos, os casos citados fazem parte de um pedaço do Brasil que concentra a maior parte de toda a riqueza produzida no país” (CARVALHO, et. al. 2010, p. 22).

1.3. Grande reportagem

A grande reportagem é um segmento da própria reportagem. Como o nome já indica, ela tem seu tempo estendido, e consegue tratar dos assuntos com mais tempo. O objeto de estudo, o programa A Liga, tem uma duração média de uma hora, e é um caso de grande reportagem na televisão.

Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília Dias de Castro (2006) afirmam que uma grande reportagem não é um documentário. Justificam sua ideia argumentando que o documentário nasceu do cinema, e, por este motivo, o enfoque das produções seria tão distinto. As autoras consideram que o documentário, certa vez, por não ter a necessidade de apresentar um assunto atual, despreza o suporte que o mercado oferece. Enquanto as grandes reportagens, por serem – normalmente – transmitidas em canais abertos, sempre devem apresentar um objetivo.

Contextualizando, a grande reportagem tem origem de histórias de longas aventuras e viagens. “Comparadas a pequenos textos que não saíam das fronteiras de uma cidade, as

³ A menina Isabella Nardoni, de 5 anos, foi morta no dia 29 de março de 2008. O pai e a madrasta são os principais suspeitos. Os dois teriam jogado a menina da janela do apartamento (CARVALHO, et. al. 2010, p. 28)

⁴ O menino João Hélio, de 6 anos, morreu no dia 7 de fevereiro de 2007. O carro da família foi roubado no subúrbio do Rio. Quando a mãe tentou tirar o filho de dentro do carro, um dos ladroes arrancou. O garoto ficou preso no cinto de segurança traseiro e foi arrastado por 14 ruas. Os quatro ladroes foram condenados em primeira e segunda instâncias (CARVALHO, et. al. 2010, p. 28).

⁵ No dia 20 de abril de 1997, um índio pataxó, que dormia sozinho em um ponto de ônibus em Brasília, no Distrito Federal, teve o corpo incendiado. Ele morreu com queimaduras graves de 95% do corpo. Os cinco rapazes que jogaram álcool e atearam fogo fugiram e só foram identificados após uma denúncia anônima. No depoimento, disseram que queriam fazer uma brincadeira. Um deles, na época do crime, era menor e foi encaminhado para o Centro de Reabilitação Juvenil do Distrito Federal. G.N.A.J. Ficou preso por três meses, mesmo tendo sido condenado a um ano de reclusão. Os outros quatro foram presos – Tomás Oliveira de Almeida, Max Rogério Alves, Eron Chaves Oliveira e Antônio Novely Cardoso Vilanova - e condenados pelo júri popular por homicídio doloso (com intenção de matar) a 14 anos, em regime integralmente fechado (CARVALHO, et. al. 2010, p.28-29).

grandes reportagens representavam e representam um emocionante caminho a ser trilhado” (DUARTE, CASTRO, 2006, p. 188).

A grande reportagem é maior, mas não sabemos ao certo a duração. Leva mais tempo para captar, editar, mas não sabemos bem quanto é esse tempo. Assim, a grande reportagem se define muito mais pelo que ela não é, numa oposição ao jornalismo diário. Mas ainda assim ela precisa de atualidade, algo que dê sentido à sua existência numa televisão comercial (DUARTE, CASTRO, 2006, p. 186).

Para Carvalho (2010), o que determina um assunto ser uma simples notícia ou uma reportagem especial é o ângulo que o repórter usa. O autor defende que, não necessariamente uma reportagem precise ser sobre um assunto inédito, mas que o olhar diferenciado do jornalista dê a essência ao material que será produzido. “A busca pelo “olhar diferenciado” ajuda o profissional a escapar de soluções simplistas, da miopia do pensamento” (CARVALHO et al., 2010, p. 28).

O autor também cita uma tônica importante da reportagem. A linguagem é dada como uma peça importante – e eventualmente esquecida – dentro da matéria. Para Carvalho (2010), uma linguagem atraente pode ser definitiva para o telespectador seguir acompanhando o material ou não. Ele lembra que uma das responsabilidades do jornalista é alterar o que é “significativo” em “interessante”. Traduzindo, o escritor define “significativo” como tudo aquilo que é relevante no sentido jornalístico e, de certa forma, importante para a sociedade; e o “interessante” como aquilo que atrai o telespectador (CARVALHO et al., 2010).

1.4. A produção da reportagem

Outro ponto crucial a ser abordado dentro do tema da reportagem, é quanto a sua produção. Desde a ideia da pauta, até a transmissão, muitas etapas são pensadas e executadas. Também é importante ressaltar a função de cada integrante da equipe de jornalismo.

Olga Curado (2002) comenta em sua obra, sobre a realidade de uma matéria televisiva e a importância do trabalho ser realizado por uma “equipe multifuncional”. “O mais talentoso dos repórteres, editores, pauteiros, cinegrafistas não põe sozinho uma boa reportagem no ar” (CURADO, 2002, p. 23). Por isso, para falar sobre a produção de uma reportagem, é importante detalhar cada passo da equipe. Desde que a ideia da pauta surge até o momento que ela for ao ar.

A autora afirma que é o olhar de vários ângulos que leva a produzir um material de qualidade. “A prática demonstra que não são apenas os recursos tecnológicos, e a habilidade de lidar com as máquinas, os elementos fundamentais para a realização de uma boa reportagem” (CURADO, 2002, p. 23 - 24). Outro ponto essencial na fala de Curado é quanto à importância da confiança no trabalho de cada membro da equipe. Para a autora, a confiança gera segurança, que adiante influencia na qualidade do trabalho final.

Carvalho (2010) comenta sobre a pauta ser uma questão ligada a intuição do repórter e da sua capacidade de perceber quanto tem uma boa história diante de si. “Quando a pauta for escolhida, pesquise, se aprofunde naquele universo, abra o horizonte. Você verá que há muitos caminhos a seguir e parecerá perdido. Mas acredite, isso vai permitir que em um segundo momento você faça um recorte interessante e atrativo” (CARVALHO et al. 2010, p. 37).

Xavier e Rodrigues (2013) chamam atenção para importância da apuração. Segundo as autoras, é importante que as informações sejam apuradas para verificar sua veracidade perante a possibilidade de produção da reportagem. Para isso, há várias formas de apuração dependendo do fato. Algumas situações podem ser resolvidas visitando o local do ocorrido, buscando documentos, e entrevistando pessoas envolvidas ou testemunhas oculares. Para as autoras, estas fontes determinam a credibilidade do veículo. Para reforçar esta ideia, Lage (2009) comenta que “as fontes podem ser mais ou menos confiáveis (confiança, como se sabe, é coisa que se conquista)” (LAGE, 2009, p. 62).

Para abordar a questão mais específica do presente trabalho, A Liga, por se tratar de um programa televisivo, é importante falar das imagens escolhidas. Segundo Carvalho (2010), na televisão, a imagem é crucial, “não significa que nossa escolha sobre o que é notícia deva partir da premissa se há ou não imagens. Mas significa que o pauteiro deva sempre pensar nas imagens ao construir a matéria, pois é esse nosso diferencial em relação aos outros veículos” (CARVALHO, et al. 2010, p. 37).

Para o autor, é importante ter cuidado com assuntos que às vezes rendem muita informação textual, porém, são pobres em informação visual. Carvalho (2010) se apoia na ideia de que, o repórter, ao produzir uma reportagem, deve imaginar a construção das imagens como se não fosse existir texto. O autor defende que, de nada adianta levantar inúmeras informações, se não há como cobrir os *offs*⁶.

⁶ É o texto narrado pelo repórter que cobre as imagens (CARVALHO et al., 2010).

Curado (2002) também alerta para o equilíbrio no trabalho. Se, por exemplo, o profissional está focado na filmagem, ele acentua o sentido da visão, deixando o sentido da audição um pouco de lado. Ou seja, o áudio, deixado em segundo plano, passará despercebido pelo telespectador, e alguma informação importante poderá se perder.

A especialização dos profissionais também é crucial. A televisão não tolera improvisos. “A qualidade técnica do que vai ao ar obedece a um criterioso treinamento das pessoas envolvidas na captação do áudio, no registro da imagem, na edição e, fundamentalmente, na apuração da notícia” (CURADO, 2002, p. 25).

2. INFOTENIMENTO

A Liga é considerado pela própria emissora um programa de entretenimento. Porém, tendo em vista que ele aborda temas atuais da sociedade e informa o cidadão, também pode ser avaliado como jornalismo. Esta discussão entre o que é entretenimento e o que é jornalismo está presente em teorias de Guy Debord (1997) e Fabia Angélica Dejavite (2006). Neste capítulo será abordada a questão do *infotenimento* e do jornalismo gonzo, que se apoia na participação total do repórter na notícia, fazendo com que ele participe ativamente de todas as atividades do grupo em questão.

Para Guy Debord (1997), o espetáculo tem um movimento essencial, que se apoia no princípio do desejo da mercadoria e na dominação da sociedade marcada por coisas sensíveis. Para o autor, “o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como sensível por excelência” (DEBORD, 1997, p. 28). Este mundo da mercadoria é mostrado na sua essência. E segundo o autor, a sua transição é igualmente proporcional ao “afastamento dos homens entre si e em relação a tudo que produzem” (DEBORD, 1997, p. 28).

A ideia que o autor quer transmitir, é que o espetáculo é o exato momento em que a mercadoria ocupou todo o espaço da vida social. Isto é, não se torna visível apenas a relação com a mercadoria, mas também não se consegue ver nada além dela.

Vendo pelo viés da economia, o autor cita que “o espetáculo é a outra face do dinheiro: o equivalente geral abstrato de todas as mercadorias” (DEBORD, 1997, p. 34). E comenta também que o dinheiro dominou a sociedade: “o espetáculo é o dinheiro que apenas se olha, porque nele a totalidade do uso se troca contra a totalidade da representação abstrata” (DEBORD, 1997, p. 34). E conclui com a afirmação de que o espetáculo já não é mais o servidor do pseudo-uso, mas sim, o pseudo-uso da vida.

Dentro desta ideia, Felipe Pena (2015) cita que a informação é um produto. Está à venda e exposta na vitrine do capitalismo industrial. Ele traz a definição do autor Ciro Marcondes, de que “ela é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais” (apud PENA, 2015, p. 90).

Complementa com a famosa significação de Amus Cummings sobre notícia e espetáculo: “se um cachorro morde um homem, não é notícia; mas se um homem morde um cachorro, aí, então, é notícia, e sensacional” (apud PENA, 2015, p. 90).

A questão do *infotenimento* é um conceito novo. Segundo Dejavite (2006),

tal termo surgiu durante a década de 1980, mas só ganhou força no final dos anos 1990, quando passou a ser empregado por profissionais e acadêmicos da área comunicacional, como sinônimo daquele jornalismo que traz informação, prestação de serviço e ao mesmo tempo oferece divertimento ao receptor (DEJAVITE, 2006, p. 71).

Ainda segundo a autora, a fronteira entre o jornalismo e o entretenimento nunca foi bem definida e a sobreposição é quase inevitável. Delimitar e distinguir o que significa entreter e informar não é tarefa fácil.

Os limites entre a notícia e o divertimento estão borrados. É o que afirma Habermas, para ele, as pessoas optam por notícias que também trazem o entretenimento. Pois elas entretêm imediatamente devido ao seu conteúdo audiovisual mais elaborado (apud DEJAVITE, 2006).

Há autores que não veem semelhança entre os dois aspectos. É o caso de Samuel Winch, citado por Dejavite (2006). Para o autor, é necessário separar os dois conteúdos e ainda traz quatro diferenças bem delimitadas entre eles. São elas:

a funcionalidade, visto que informa e o outro entretém. A segunda tem base *epistemológica*, pois os dois possuem, valor e alcance distintos: um é tipo conhecimento factual o outro contem ficção. Já a terceira alicerça-se na *metodologia*, porque o entretenimento pode lançar mão, muitas vezes, do uso de fofoca e de especulação, e o jornalismo tem como único caminho a verdade. Por fim, o quarto diferencial firma-se na *organização* – em razão de que um é controlado pelos profissionais que servem ao público (no caso do jornalismo), enquanto o outro serviria às metas menos altruísticas (caso do entretenimento) (WINCH, 1997, apud DEJAVITE, 2006, p. 75).

Esta separação é positiva pela questão de que, comparando com o discurso de Habermas, que afirma que as fronteiras do jornalismo e do entretenimento são “borradas”, Winch não mostra apenas um limite, mas quatro. Porém, para Dejavite (2006), essa distinção pode ser considerada negativa pelo preconceito ao olhar o entretenimento. Para ela, “a primeira distinção proposta não admite que a notícia de entretenimento possa formar e informar” (DEJAVITE, 2006, p. 75).

Em contrapartida, o autor Mark Deuze defende que o *infotainment* é aquele jornalismo que apresenta informações. A prestação de serviço e o divertimento afins ao receptor. Para ele, esse conceito “é o espaço destinado às matérias que visam informar e divertir, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano” (apud DEJAVITE, 2006, p. 72).

Claude-Jean Bertrand dialoga com as ideias de Deuze, mas traz uma reflexão. Diz que, historicamente, os veículos populares sempre deram mais atenção ao entretenimento. Mas seu medo é que a “notícia *light* se sobreponha ao conteúdo mais sério (como o de política e o de economia) e mude o que nós conhecemos por notícia” (apud DEJAVITE, 2006, p. 73).

No caso de David K. Berlo (1997), não é útil determinar se esta prestação de serviço é informativa, persuasiva, ou se detém apenas a função de entreter, tendo em vista que a comunicação em massa já traz consigo todas essas características. Esta afirmação vai de encontro ao que Habermas cita, quando diz que as fronteiras do *infotainment* são “borradas”. Uma vez abstratas, é inútil defini-las, não se encontra o limite entre o entretenimento e o jornalismo.

Segundo a autora Claudia Giudice de Menezes, a classificação do que se enquadra no jornalismo de entretenimento, vai “desde o sorriso da celebridade, a piada do político, os óculos da Gucci do senador, a catástrofe anunciada, o horror em tempo real, a morte intransitiva” (apud DEJAVITE, 2006, p. 88). Para a autora, é o uso excessivo de adjetivos e advérbios, além da descrição minuciosa da cena, que passa a impressão de que o leitor é observador, e que se diverte enquanto se informa.

Ballerini (2015) defende essa vertente do jornalismo como jornalismo cultural. Segundo ele, o século XXI, colocou a comunicação em colapso. Essa afirmação é complementada pela fala de Luiz Beltrão, que aponta que o jornalismo cultural “tem como missão a prestação de serviço, divulgação de peças, livros, etc.” (apud BALLERINI, 2015, p. 45).

2.1. *New journalism* e o jornalismo Gonzo

De origem norte americana, o *new journalism* surgiu com a eleição de John Kennedy, a guerra do Vietnã e movimentos contracultura na década de 1960. Suas características eram inéditas no universo jornalístico. As descrições precisas de gestos e comportamentos de personagens não eram mais apenas uma forma de enriquecer a narrativa (LACERDA, 2007).

O novo jornalismo coloca o jornalista dentro do relato, “permitindo-se até introduzir-se no terreno da ficção” (LACERDA, 2007, p. 4). De acordo com a autora, o batismo de “*new journalism*” veio em 1966. Mesmo assim, não era aceito totalmente no jornalismo, nem na literatura. Nesta época o jornalismo se dividia entre duas vertentes: os jornalistas especialistas em furos e os especialistas em reportagens. E na reportagem que era menosprezado. Por conta

da reportagem se voltar um pouco para a ficção, o novo jornalismo não se enquadrava em suas exigências.

O jornalista americano Truman Capote teve forte influência no processo de reconhecimento do novo jornalismo. Em 1966, o autor lançou o livro “*A Sangue Frio*”, um trabalho de não-ficção. Com isso, o novo jornalismo se consolidou em 1969 como gênero jornalístico (LEITE, 2010, p. 2).

Dando sequência ao novo jornalismo, o Jornalismo Gonzo, também em busca da não-ficção, se consolidou com o autor Hunter Thompson, que é considerado o nome do jornalismo gonzo. No fim dos anos 1950 e início da década de 1960, o jornalista e escritor estadunidense estava cansado das linhas editoriais, opiniões e estilos de jornais por onde passou e procurava uma forma mais ousada para suas obras (OTHITIS, 1994).

A autora cita também que a primeira obra que levou o nome de "gonzo" foi o relato sobre o evento mais famoso de *Louisville* (Cidade em Kentucky, EUA), " *The Kentucky Derby is Decadent and Depraved*" – em tradução livre – “O Kentucky Derby é Decadente e Depravado”. O jornalismo gonzo não segue padrões. Porém, Thompson adota um estilo que circula sua primeira obra.

Lacerda (2007) lembra que o primeiro livro de Thompson viria em 1966, solicitado pela revista *The Nation*, de São Francisco. Para sua realização, o jornalista viveu durante dezoito meses com a gangue de motociclistas *Hell's Angels*, que lhe rendeu a obra “*Hell's Angels: The Strange and Terrible Saga of the California Motorcycle Gang*”. Thompson participou de todas as atividades do grupo. Incluindo consumo de álcool e drogas.

É jornalismo. Mas não o jornalismo usual, predominante, esse em que o repórter, em nome da imprescindível busca da objetividade, se sente desobrigado de servir ao leitor mais que uma pilha desinformações descarnadas – como se fosse isso a realidade. Como se a informação devesse ser, goela abaixo do leitor, uma espécie de pílula para astronauta, que nutre sem a obrigação de ser palatável. Como se, provindos da mesma raiz latina, saber e sabor pudessem andar juntos (WERNECK, 2004, apud LACERDA, 2007, p. 5).

Através do jornalismo gonzo, Thompson propôs a transição do que afasta o jornalismo da ficção. O autor admite que sua teoria tenha se moldado ao longo dos anos. “Outros nomes para o gonzo são o jornalismo fora da lei, o jornalismo novo, o jornalismo alternativo e o

cubismo literário”⁷ (apud OTHITIS, 1994). Um elemento que lembra os princípios do jornalismo gonzo é quanto à descrição do uso de drogas e álcool. Por mais que não seja necessário, essa atitude está ligada a nova forma de captação da realidade no jornalismo.

Lacerda (2007) cita os autores Castro e Galeno que se apoiam na afirmação de que o Gonzo se expressa em uma mistura de veracidade e da dramaticidade dos fatos, tendo como característica principal uma narrativa de qualidade.

Quanto à linguagem que caracteriza o jornalismo gonzo, o leitor tende a estranhar a forma como o autor escreve. Uma mistura de estranheza e emoção é causada por conta de:

[...] o uso de primeira pessoa do repórter; o humor contido na reportagem sob aspecto de ironia e sarcasmo, até mesmo com o leitor; o texto opinativo, mostrando a vivência do repórter-narrador sem pretensão de busca um juízo de valor, focando apenas na experiência e na tentativa de fazer com que o leitor possa junto a ele provar o acontecimento, o que remete a primeira característica falada, a proximidade entre o repórter e o leitor [...] (LACERDA, 2007, p. 7).

Por conta destas características, da mesma forma como aconteceu com o *new journalism*, o jornalismo gonzo não teve reconhecimento como jornalismo, nem como literatura. Assim, “a caracterização de um gênero que não é legitimado, pois como não respeita nenhuma regra, combinando ficção com realidade, os jornalistas gonzo não têm nenhum reconhecimento de carreira literária, sendo assim, heróis por o fazerem” (LACERDA, 2007, p. 7).

Para Martelli (2006), o jornalismo gonzo de Hunter Thompson consiste em uma narrativa excêntrica e no envolvimento pessoal do repórter com a pauta. Martelli (2006) cita o autor Alex Burns, que defende que o estilo é a verdade através do ponto de vista do jornalista que escreveu como um personagem da trama. A busca do autor pela verdade é o que acaba sendo a história.

Uma questão muito debatida dentro do jornalismo é quanto à imparcialidade. Ainda segundo Martelli (2006), mais uma característica do jornalismo gonzo se dá pela escrita na primeira pessoa, o que acaba com a isenção ideológica. Em uma conversa direta com o leitor, o autor do texto traça uma cumplicidade com a experiência que conta. “Outra peculiaridade é a valorização da experiência do repórter, a tal ponto que o mesmo se torna um personagem da história” (MARTELLI, 2006, p. 21).

⁷ “Other names for gonzo are outlaw journalism, new journalism, alternative journalism and literary cubism” - “Outros nomes para o gonzo são o jornalismo fora da lei, o jornalismo novo, o jornalismo alternativo e o cubismo literário” (apud OTHITIS, 1994).

A linguagem de Thompson é marcada por ser cômica e ácida. O que desconstrói a formalidade que envolve o jornalismo. “Thompson lembra que o jornalismo pode ser tão verídico sem enveredar necessariamente pela objetividade. É aí que os elementos de ficção se entrelaçam facilmente aos fatos, dando maior vulto às sensações que produzem um acontecimento, em vez dos mesmos feitos que o conformam” (MARTELLI, 2006, p. 21).

Desconsiderando totalmente a questão da imparcialidade, torna-se papel do jornalista descrever a realidade que o rodeia. Com esta imersão, o autor estabelece o contexto.

Pânico. Ele percorreu minha espinha como as primeiras vibrações de uma viagem de ácido. Todas essas realidades horrendas começaram a amanhecer em mim: Aqui estava eu, completamente sozinho em Las Vegas com esse maldito carro incrivelmente caro, completamente chapado, sem advogado, sem dinheiro, sem matéria para a revista - e ainda por cima eu tinha uma maldita conta gigantesca de hotel para lidar. Dentro daquele quarto nós havíamos pedido tudo que mãos humanas poderiam carregar - incluindo cerca de seiscentas barras de sabonete transparente Neutrogena (THOMPSON, 1971 apud MARTELLI, 2006, p. 22).

O trecho traduz as impressões pessoais de Hunter Thompson, inclusive explana sobre o consumo de álcool e drogas, que, mesmo que não seja uma exigência para compor a narrativa, é uma característica da linguagem do autor. Esta nova forma de captação da realidade traz um diferencial para o resultado, tendo em vista que o jornalista capta as atividades do grupo que está inserido por outro viés, isto é, passa de apenas observador para parte do meio.

No próximo capítulo será abordada a questão da metodologia escolhida para guiar a pesquisa. Para ordenar os materiais, Lago e Benetti (2010) citam Herscovitz, que indica uma unidade e as categorias de análise para compor o estudo. Com isso, será possível identificar detalhes de cada categoria, e analisar individualmente cada item. Também será discorrido sobre A Liga e toda sua estrutura detalhada, seguido da descrição e avaliação dos programas escolhidos.

3. METODOLOGIA

O terceiro capítulo irá trazer a questão metodológica usada para o estudo. O presente trabalho vai fazer uso das publicações científicas – livros e artigos – de diversos autores, como Cláudia Lago e Marcia Benetti (2010), Ana Carolina Temer e Bruna Vanessa Dantas Ribeiro (2015) e Luciene Mendes Lacerda (2007), que são relacionados ao tema. Será discutido sobre A Liga e toda sua estrutura detalhada, seguido da descrição e avaliação dos programas escolhidos.

3.1. A Liga

As pesquisadoras Ana Carolina Temer e Bruna Vanessa Dantas Ribeiro (2015) citam que o programa A Liga é original da produtora *Eyeworks Cuatro Cabezas*, na Argentina é chamado de *La Liga*. Teve sua forma comprada pela Rede Bandeirantes, do Grupo Bandeirantes de Comunicação para o Brasil.

A Liga é um programa exibido pela Rede Bandeirantes de televisão desde 4 de maio de 2010. Em 2016 exibiu sua sexta temporada e vai ao ar nas segundas-feiras às 22h30 (com variações devido à programação). É apresentado por Thaíde e Mariana Weickert, e neste ano (2016), Maria Paula e Guga Noblat também integraram o elenco.

A definição apresentada no site oficial do programa⁸, no portal da Band, afirma que A Liga busca mostrar a vida na sua realidade. Sempre tratando de diferentes assuntos ao longo dos programas. E também cita uma forma “sem filtro” para abordar os temas.

Para Temer e Ribeiro (2015),

A definição do programa como um “novo tipo de jornalismo”, somada à ideia de um show televisivo cheio de “entretenimento, ironia e drama” dá espaço para o entendimento de que se trata de um programa que encontra-se na fronteira entre os gêneros informativo e entretenimento (TEMER, RIBEIRO, 2015, p. 10).

O programa aborda assuntos polêmicos e que normalmente são tabus para a sociedade. Já abordou assuntos como: as situações dos presídios, acompanhantes de luxo, bailes *funk*, comunidade LGBT, treinamentos militar, cultos religiosos e homicídios. Os personagens acompanham o dia a dia de pessoas que vivem em cada uma dessas realidades e se colocam em seu lugar.

⁸ Disponível em: <http://entretenimento.band.uol.com.br/aliga//2016/default.asp>

Na maioria dos episódios, o início é marcado por uma narrativa que contextualiza brevemente o assunto que será abordado. Mostram-se dados e imagens do tema, bem como trechos das entrevistas que logo mais serão vistas no decorrer do programa. Os episódios não seguem um padrão de abertura. Citando um exemplo, o capítulo que foi ao ar no dia 20 de junho de 2016, sobre “Crimes Passionais”⁹, apresenta um trecho do noticiário da época sobre o caso “Eloá”¹⁰, além de dados sobre crime contra a mulher. Na mesma abertura, aparecem mais casos famosos como o “Caso Yoki”¹¹ e o “Goleiro Bruno”¹².

Na sequência do programa, os repórteres já fazem uma apresentação informal sobre onde estão e o que vão abordar naquela situação. Os repórteres tem o constante compromisso de explicar para o telespectador sobre onde estão e o que pretendem fazer. Não utilizam estúdio em nenhum momento das gravações. Com isso, essa explicação inicial do assunto, não pode ser considerada uma cabeça de reportagem¹³.

Citando o exemplo do episódio sobre crimes passionais, o entrevistado é apresentado por meio de um *off* e imagens de apoio. Uma breve história sobre o entrevistado é contada para integrar o telespectador e logo a entrevista começa de fato. São entrevistas normalmente longas, com tempo médio de aproximadamente 10 minutos.

O diálogo é feito informalmente, sem nenhum tipo de roteiro aparente. Entrevistado e repórter estão juntos andando pelo local da gravação, ou sentados juntos informalmente. Em alguns casos estão em meio ao próprio ambiente de trabalho do entrevistado, inclusive enquanto ele cumpre seu serviço. As entrevistas, de maneira geral, não se limitam apenas às informações técnicas. Tudo que envolve o trabalho – ou o dia a dia - do entrevistado é abordado. As funções e o sentimento que é envolvido.

⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Y96ESyXew

¹⁰ Em 13 de outubro de 2008, Eloá Pimentel foi mantida em cárcere privado pelo ex-namorado durante aproximadamente 100 horas. O crime aconteceu em Santo André, no ABC paulista.

Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/caso-elo/a-historia.htm>

¹¹ Elize Matsunaga era casada com o diretor-executivo da empresa Yoki, Marcos Matsunaga. Em 19 de maio de 2012, após uma discussão, Elize matou e esquartejou o ex-marido.

Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/06/elize-discuti-com-marido-sobre-guarda-da-filha-afirma-advogado.html>

¹² No dia 4 de junho de 2010, Eliza Samudio foi até o sítio de Bruno Souza, na época, goleiro do Flamengo, e suposto pai do filho dela. Eliza foi morta por comparsas do ex-atleta, e o inquérito, concluído no dia 30 de julho de 2010, apontou Bruno como mandante do crime. Bruno já cumpriu a pena e está em liberdade.

Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/caso-bruno/caso-bruno-a-historia.htm>

¹³ Para os autores Vitor Almeida e Iluska Coutinho, a “cabeça de reportagem” é um pequeno texto dado no estúdio pelo apresentador (ALMEIDA, COUTINHO, 2015).

Cada caso apresentado é finalizado com um *off* de outro repórter, trazendo dados e dando o gancho¹⁴ para a próxima abordagem. A forma como o programa é conduzido transmite naturalidade. Os entrevistados são ordenados de forma que – sempre que possível – um personagem complemente o outro. A edição do programa trabalha com muitas imagens de apoio e trilha. O teor do local onde o repórter está é determinado pelo drama que é passado na edição.

Ao mesmo tempo em que, por exemplo, é mostrado o caso de um assassino, são também abordados os departamentos legais de investigação e profissionais da saúde que comentam os transtornos psicológicos.

Após as entrevistas, os repórteres conversam diretamente com a câmera. Eles comentam sobre a entrevista que acabaram de fazer e transmitem opiniões e impressões particulares ao telespectador. O bloco dura em média 15 minutos. A preparação para o que será visto no próximo trecho do programa conta com algumas cenas prévias do que será visto a seguir.

3.2. Análise de conteúdo

Os episódios avaliados foram escolhidos pelo mês de estreia do programa na Rede Bandeirantes de Televisão. Sendo assim, episódios do mês de maio dos anos 2014, 2015 e 2016 serão analisados. Os anos foram delimitados por conta da atualidade e também com a intenção de avaliar possíveis mudanças no formato de um ano para o outro. Outro critério para escolha foi a relevância dos temas abordados no mês escolhido para a amostra.

A análise foi desenvolvida para avaliar o conteúdo dos três episódios escolhidos. São eles: o episódio do dia 20 de maio de 2014, onde um dos repórteres participa de um ritual do Santo Daime e em outro recorte é apresentado a realidade da prostituição na rua.

Outro episódio, do dia 5 de maio de 2015, sobre treinamento militar, que leva os apresentadores para acompanhar o treinamento dos soldados do exército e dos exercícios da marinha em alto mar; por fim, o programa televisionado no dia 10 de maio de 2016, em que é abordado um tema ainda muito recente no Brasil, sobre as favelas pacificadas no Rio de Janeiro. Nele, um repórter vai até a favela e outro retrata o ponto de vista da polícia.

¹⁴ “Pretexto que gera a oportunidade de um trabalho jornalístico. Quanto mais pretextos há para a produção de uma investigação jornalística mais oportuna ela é. Quanto mais “ganchos” estiverem por trás de uma edição, mais “quente” ela é” (apud BUENO, REINO, 2012, p. 2).

Visando um melhor resultado, a metodologia eleita é a análise de conteúdo. Earl Babbie, citada no livro de Cláudia Lago e Marcia Benetti (2010), defende que a análise de conteúdo é livre de intromissão direta no objeto de estudo (2010, p. 124). Segundo Herscovitz, citado por Lago e Benetti, o profissional vai descobrir um meio de perceber o produtor da notícia, o receptor desta, a coordenação que ordena o veículo, e o processo produtivo e aspectos culturais nele atribuídos (apud LAGO, BENETTI, 2010).

Herscovitz defende que exista um modelo que reúne elementos quantitativos e qualitativos. E diz que não existe método perfeito de pesquisa, mas sim, bem conduzidos e construídos. Nessa base, a autora defende que se recolham os materiais (seja ele impresso, áudios, digital ou eletrônico), e os enquadre em categorias previamente estudadas (apud LAGO, BENETTI, 2010).

Para ordenar os materiais, Herscovitz indica a unidade e as categorias de análise. Com isso, é possível identificar detalhes de cada categoria, e analisar individualmente cada item. A partir da análise dos programas exibidos, busca-se entender o limite entre o jornalismo e o entretenimento (apud LAGO, BENETTI, 2010).

A pesquisa foi feita através da leitura e fichamento de obras literárias voltadas à teoria jornalística. Com base nas teorias de Herscovitz, será construída uma classificação para analisar cada um dos programas. Dentro dela, as categorias de análise foram compostas por modelos de reportagem; segmentos da reportagem; diferenças entre informação, entretenimento e *new journalism*.

Os modelos de reportagem, segundo Pena (2015), se baseiam em teorias do autor João de Deus Corrêa. Corrêa apresenta a *reportagem de perfil*, que trata da imagem psicológica de alguém, a partir de depoimentos de pessoas próximas ou do próprio personagem; a *reportagem de fatos* se apropria da dramaticidade de um fato e explora o assunto, analisando novos recortes sobre o tema; a *reportagem polêmica* trata justamente de assuntos polêmicos. Pode ser por um acontecimento, ou por uma pauta do veículo; a *reportagem monotemática* relaciona um acontecimento a outros antigos para relacionar e contextualizar o fato, bem como com intenção de criar uma adesão do público; a *reportagem de ação* utiliza de artefatos mais cinematográficos para ser produzida. Ela apela para o visual, com a narrativa mais coloquial e rápida; por fim, a *reportagem documental* que exige um pouco mais de dedicação do repórter para a coleta de depoimentos e no cuidado da escolha de documentos que deem credibilidade (PENA, 2015, p. 77 – 79).

Na sequência, os segmentos da reportagem serão outro ponto analisado. Para Nilson Lage (2004), a reportagem tem três segmentos: *investigativa*: que visa descobrir um fato ou detalhes escondidos pelos interessados; *interpretativa*: pretende interpretar dados (muito semelhante à função do jornalista científico); e *novo jornalismo*: que usa a contextualização de um fato através de obras literárias (LAGE, 2015, p. 77).

Dentro do debate do entretenimento e da informação, o autor Samuel Winch, citado por Dejavitte (2006), apresenta a ideia de que é necessário separar as duas vertentes. Para embasar sua teoria, o autor apresenta quatro diferenças entre eles. São elas: a *funcionalidade*, tendo em vista que um informa e o outro entretém. A segunda é de base *epistemológica*, pois os dois possuem valor e alcance diferentes, isto é, um apresenta conhecimento factual o outro de ficção. A terceira se apoia na *metodologia*, porque o entretenimento, muitas vezes, fazer uso de fofoca e de especulação, e o jornalismo tem como único objetivo a verdade. Por fim, a quarta diferença se firma na *organização* – tendo em vista que um é controlado pelos profissionais que servem ao público (no caso do jornalismo), enquanto o outro segue metas menos altruísticas (caso do entretenimento). Porém, este último item não poderá ser analisado, pois não se tem acesso à informações de produção dos programas.

E por fim, para contemplar a questão jornalismo gonzo, será analisada a linguagem da reportagem. Neste estilo, a linguagem tende a ser mais livre.

[...] o uso de primeira pessoa do repórter; o humor contido na reportagem sob aspecto de ironia e sarcasmo, até mesmo com o leitor; o texto opinativo, mostrando a vivência do repórter-narrador sem pretensão de busca um juízo de valor, focando apenas na experiência e na tentativa de fazer com que o leitor possa junto a ele provar o acontecimento, o que remete a primeira característica falada, a proximidade entre o repórter e o leitor [...] (LACERDA, 2007, p.7).

A partir destes quatro pontos de partida, a intenção do trabalho se apoia em analisar as reportagens do programa A Liga, e entender onde se enquadra como entretenimento e onde se adapta no jornalismo.

4. ANÁLISE

Neste capítulo, os três programas previamente escolhidos serão descritos e em seguida analisados dentro dos quatro segmentos determinados. Os modelos de reportagem segundo Felipe Pena (2015): reportagem de perfil, reportagem de fatos, reportagem polêmica, reportagem monotemática, reportagem de ação e a reportagem documental.

Na sequência, os segmentos da reportagem serão outro ponto analisado. Para Nilson Lage (2004), a reportagem tem três segmentos: investigativa, interpretativa, e novo jornalismo.

Dentro do debate do entretenimento e da informação, o autor Samuel Winch, citado por Dejavite (2006), apresenta a ideia de que é necessário separar as duas vertentes. Para embasar sua teoria, o autor apresenta quatro diferenças entre eles. São elas: a funcionalidade, base epistemológica, a metodologia; pautas que serão abordadas nesta pesquisa.

E por fim, para contemplar a questão jornalismo gonzo, será analisada a linguagem da reportagem segundo a autora Luciene Mendes Lacerda (2007). Neste estilo, a linguagem tende a ser mais livre. Serão analisados aspectos como o uso da primeira pessoa pelo repórter, humor, ironia, sarcasmo, repórter-narrador, e a tentativa de descrever o acontecimento na intenção de fazer com que o leitor sintá-se incluído.

A partir dessas quatro categorias, a intenção do trabalho se apoia em analisar as reportagens do programa A Liga (figura 1), além de entender onde se enquadra como entretenimento e onde se adapta no jornalismo.

Figura 1: Logotipo do programa A Liga



Fonte: YouTube

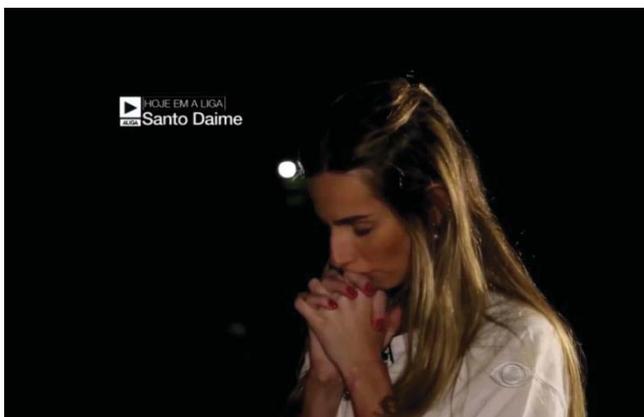
4.1. Descrição e análise do programa 1 - 20 de maio de 2014 (Anexo 1)

O primeiro episódio a ser analisado foi exibido no dia 20 de maio de 2014, onde um dos recortes aborda o ritual do Santo Daime; em outro momento a pauta é sobre a vida das pessoas de classe alta que frequentam festas chiques nas favelas cariocas; e por fim, a realidade da prostituição na rua. O programa inteiro tem aproximadamente uma hora: a abordagem sobre o Daime conta com 21 minutos e 23 segundos; a parte sobre as festas nas favelas cariocas tem em média 11 minutos e 27 segundos; e o último trecho exibido sobre a prostituição tem 38 minutos e 39 segundos.

Porém, para essa análise – com a intenção de igualar aos outros dois programas escolhidos, que abordam apenas um tema em cada episódio – o único recorte analisado será do ritual do Santo Daime, determinado a partir da ordem de exibição.

A edição do programa utiliza durante todo o tempo – no canto superior esquerdo – um selo (figura 2) do assunto que está sendo abordado e em alguns momentos aparece a localização de onde está sendo feita a reportagem e a hora. Além de utilizar GCs¹⁵ para enfatizar comentários ou informações ao longo da reportagem.

Figura 2: Mariana Weickert participou do ritual do Santo Daime em 2014



Fonte: *YouTube*

O programa começa com imagens de apoio do Rio de Janeiro e uma trilha; e na sequência, aparecem duas repórteres Mel Fronckowiak e Mariana Weickert enquadradas em primeiro plano (do busto para cima). Com isso, roda um trecho sobre a reportagem do Santo

¹⁵ GC – gerador de caracteres. Trata-se de um termo técnico que indica os créditos de um entrevistado de uma Reportagem (CHIARIONI, 2012, p. 36).

Daime. Além de apresentar o assunto, aparecem trechos da matéria: como quando a apresentadora comenta sua sensação de participar do ritual, o momento que toma e quando começam a aparecer os efeitos do chá. Logo depois, outro repórter é anunciado, juntamente com seu assunto, que no caso, é sobre as festas para a classe alta na favela. E por fim, o caso da prostituição nas ruas. A imagem volta para as duas repórteres, ainda utilizando o primeiro plano, e uma delas anuncia o início do programa. E então roda a vinheta de 10 segundos do programa.

Para dar início ao programa, aparecem os repórteres Mel Fronckowiak, Thaíde e Cazé mais uma vez – em um ambiente diferente do inicial, em plano conjunto (quando há mais de um personagem), até que a câmera foca os apresentadores em plano americano (do joelho para cima) – e falam sobre o Santo Daime, o primeiro assunto que será abordado. Falam sobre o preconceito que envolve o ritual e anunciam a repórter que fará a matéria. Logo depois, rodam imagens de apoio do ritual. A primeira aparição de Mariana Weickert na reportagem é feita através de uma câmera pessoal – em primeiro plano –, como se estivesse sendo feito um diário em vídeo. Ela comenta sobre o que fará naquela matéria, aparecem imagens da reportagem – com ela comentando o que a assustava – a câmera volta para Mariana, e na sequência sua voz serve de *off* para imagens da reportagem. Também é usada uma montagem com os dois trechos simultaneamente. No seu diário, Mariana comenta que estava com medo da experiência inédita, e então aparece uma cena de uma das daimistas falando para ela não se preocupar. Por uma última vez, a apresentadora aparece e fala que vai enfrentar o medo: “eu já pensei em não ir, mas “bora” lá, eu vou enfrentar isso”.

O repórter Thaíde é quem acompanha Mariana na reportagem, na sua passagem¹⁶, ele identifica o local onde será o ritual. Em outro enquadramento, Mariana aparece ao lado e comenta: “como aqui a gente é um repórter que vivencia, vamos aí”.

Mariana chega a um balcão onde se apresenta e conhece um membro da doutrina – Roberta. A mulher explica que deve ser preenchido um protocolo com dados do indivíduo e um termo de responsabilidade. Também são disponibilizadas uma saia e uma camiseta branca – por ordens do grupo. As imagens que seguem são de Mariana sentada no chão preenchendo a planilha. Thaíde se aproxima e questiona sobre as perguntas do questionário; e então Mariana comenta que são questões do tipo: se ela já teve alguma doença grave, se considera

¹⁶ “A passagem consiste na apresentação do repórter na arena dos acontecimentos, sua função é reforçar a presença do repórter no local da notícia” (VALLE, 2007, p. 2).

uma pessoa agressiva, ansiosa ou medrosa. Eles conversam sobre a ansiedade da reação com o chá, e Mariana segue para o vestiário para colocar o conjunto branco.

No vestiário a repórter conversa com daimistas sobre as reações que o chá pode provocar. Mariana é orientada que no ritual, ela irá se encontrar com seu Deus interior, e logo que sai do ambiente, conversa diretamente com a câmera e comenta sobre a ansiedade: “agora sim (referente à troca de roupa) eu acho que eu já estou mais integrada aí, fazendo parte do ambiente. E fiquei mais ansiosa”.

Mariana conversa também com a presidente da Ceu de Maria – igreja daimista – Beatriz Galvão, que comenta sobre a temática da noite que ela fará parte e comenta também sobre as sensações que o chá proporciona. A entrevista entre a repórter e a entrevistada pode ser considerada uma conversa quase informal, pois Mariana comenta sobre seus medos.

Thaíde questiona Mariana sobre o que a apresentadora está sentindo, e o trecho da entrevista é a parte completa do recorte que foi usado na abertura do programa: com a repórter falando sobre a tensão de provar o chá que induz a um lugar desconhecido. “Eu acho que o desconhecido que dá medo né. Eu não sei como meu corpo vai reagir, como minha cabeça vai reagir. Como eu vou lidar com essa expansão de um mundo novo que vai se abrir pra mim. Isso dá medo”.

A cerimônia começa com os presentes rezando uma oração. A câmera foca em Mariana e ela comenta com um cochicho sobre o calor de dentro do espaço. Enquanto Mariana participa efetivamente do evento, Thaíde apresenta o lado de quem serve o chá. De dentro da sala onde é servido, ele entrevista o daimista e o questiona sobre a preparação do chá.

Ao se aproximar da sua vez, Mariana fica cada vez mais tensa, mas é tranquilizada pelas mulheres que também aguardam a oportunidade. Ela comenta sobre o suor das mãos, causada pelo nervosismo. “A gente está chegando perto e já está me dando um frio na barriga meio desconfortável na verdade. Estou tremendo um pouco”. “Gente, a minha mão está encharcada. Dá um nervoso. Acho que esse desconhecido é que me amedronta um pouco”.

Figura 3: A edição usa o GC para mostrar a primeira dose, a hora e a localização



Fonte: *YouTube*

Quando chega a vez da apresentadora, a identificação do canto superior esquerdo (figura 3) é atualizada para a localização e a hora – 21h30 – e também aparece um GC mostrando que é a primeira dose. Mariana pega o copo, explica que é a primeira vez que participa, e é orientada a tomar a dose e fazer o sinal da cruz. A repórter comenta diretamente para a câmera – em enquadramento primeiro plano – que é menos amargo que ela imaginava; agradece e conversa com Thaíde sobre a tensão que sente. Thaíde apresenta sua percepção, que todos os daimistas que já tomaram a bebida permanecem com um semblante de concentração.

Na sequência, Thaíde conversa com Mariana e ela fala que está se sentindo leve e que o que sente é uma sensação boa. Questionada sobre se está preparada para a segunda dose, ela garante que “estou mais preparada que para a primeira”. O repórter conversa com a câmera e observa Mariana de longe, comenta sobre a felicidade dela ao chegar para tomar a segunda dose do chá: “Olha só, olha a cara dela. Ela está mais feliz do que antes. Ela estava tensa, com medo”. Em seguida, a câmera volta para a apresentadora que pede o segundo copo da bebida. Ela toma e comenta que está mais amargo que o outro que tomou.

Thaíde contextualiza o ambiente: comenta que já se passaram quatro horas de cerimônia, e que as pessoas continuam dançando e rezando.

A cena que segue é de Mariana sentada em uma área um pouco distante, sozinha e uma ajudante da cerimônia vai até ela para saber se está tudo bem. Mariana comenta que se sente pesada “parece que tem um elefante em cima de mim”. E então a daimista orienta a tomar mais uma dose.

A apresentadora aparece na mesma situação da abertura do programa, dizendo que o programa já volta, e então um trecho de 44 segundos do que será visto no próximo bloco é

apresentado: o desfecho do Santo Daime e uma prévia da parte da festa na favela e da prostituição na rua. O bloco dura 16 minutos.

O segundo bloco já inicia com a apresentadora indo em direção ao chá para tomar a terceira dose. Assim que toma, comenta que achou que no terceiro ia ser mais fácil, mas se enganou “Achei que no terceiro eu já fosse tirar de letra, mas não é bem assim”. Com a cena ao fundo, Thaíde contextualiza mais uma vez o cenário e vai conversar com ela, pergunta o que ela está sentindo e ela comenta que se sente pesada.

Mariana retorna ao ambiente, comenta que é muito quente dentro e logo aparece conversando com outras daimistas. Fala que gostou muito da experiência e que teve muitas sensações boas. A daimista pergunta se ela conseguiu sentir a energia do Daime, e ela responde: “eu não sei o que é a energia do Daime. Eu estou sentido uma coisa muito boa. Eu não queria estar em nenhum outro lugar agora. Queria estar aqui nesse exato momento. É aqui onde eu queria estar. É muito feliz, né? É uma viagem gostosa. É uma delícia”.

Thaíde comenta que depois de mais de cinco horas de cerimônia, chegou ao fim a experiência. O organizador agradece a todos os presentes e deixa a palavra com Mariana, caso ela queira comentar sobre o ritual, e a apresentadora comenta: “eu quero agradecer que eu fui muitíssimo bem recebida e eu estou encantada com todas as minhas sensações, e eu espero poder voltar muito em breve. Obrigada todo mundo”.

À 1h15 da manhã, Mariana e Thaíde saem lado a lado conversando. Mariana comenta que estava muito nervosa, mas agradeceu ao colega pela companhia na experiência. Thaíde comenta que sempre quis saber como era um ritual do Santo Daime e Mariana comenta que não tem como traduzir a experiência em palavras.

4.1.1. Análise do programa 1

O primeiro segmento de análise delimitado é quanto aos modelos de reportagem. O autor Felipe Pena (2015) utiliza em sua obra a orientação de João de Deus Corrêa para representar os tipos de reportagem. O episódio melhor se enquadra dentro do quesito de reportagem de fatos, pois, o recorte é trabalhado em um assunto específico e transita dentro dele apresentando variados pontos de vista: desde o da apresentadora, o outro apresentador que acompanha, mas observa de fora, os adeptos da religião e pessoas que frequentam a cerimônia. Também pode ser classificado como reportagem polêmica, por conta de tratar de

um assunto que envolve muito preconceito. A produção do programa faz uso do microfone lapela, com isto, a reportagem se apresenta mais informal.

Para a segunda determinante da análise dos episódios, serão usados os segmentos da reportagem, definidas por Nilson Lage (2004). O episódio sobre o Santo Daime se enquadra mais especificamente no segmento investigativo, pois ela visa descobrir um fato – neste caso um ritual cercado de preconceitos.

Na discussão entre o que é informação e o que é entretenimento, o autor Samuel Winch, citado pela autora Dejavite (2006), determina aspectos que delimitam o discurso informativo do entretenimento. Neste caso, o episódio se apoia na informação, pois na funcionalidade, o episódio informa o telespectador; na base epistemológica, ele apresente um conhecimento factual; na metodologia ele fica dentro da verdade – já que a outra vertente é baseada em fofocas e especulações.

Neste período, foram analisados três episódios do programa A Liga. O primeiro, de 2014, tratava sobre o ritual do Santo Daime, sobre festas para o público de classe alta na favela e por fim a realidade da prostituição na rua. Com o passar dos anos – 2015 e 2016 – a produção do programa passou a optar pela apresentação de um só tema a cada semana. Mesmo assim, para esta pesquisa, apenas o ritual do Santo Daime foi analisado por conta da ordem de apresentação no episódio.

Neste primeiro trecho, o jornalismo gonzo foi usado na sua essência. A história deste gênero envolve o uso de drogas e álcool por parte do jornalista teve seus princípios respeitados. O uso da primeira pessoa por parte do repórter foi levado em consideração durante todo o tempo da matéria e o ato de tomar um chá alucinógeno para provar seus efeitos e a partir dali contar uma história, respeita totalmente o que o jornalismo gonzo prega.

Quanto ao discurso se apoiar no jornalismo gonzo, o episódio tem fortes traços da teoria iniciada por Hunter Thompson. O repórter – diversas vezes – usa a primeira pessoa e o repórter-narrador. Durante a evolução do ritual, a apresentadora frequentemente conversa com a câmera e comenta sobre suas impressões e sensações. Bem como Thaíde também comenta sobre o que observa ao seu redor, como um olhar “externo” da experiência. No início da reportagem, o repórter Thaíde é quem acompanha Mariana, que faz um comentário que pode ser identificado como jornalismo gonzo: “como aqui a gente é um repórter que vivencia, vamos aí”.

Outro momento é quando Mariana faz o diário em vídeo, e conta como está sua expectativa para a experiência do Daime. Ela diz: “hoje eu vou viver uma experiência um

pouco diferente, eu vou ter contato a primeira vez com o Santo Daime [...] eu já ouvi coisas positivas e coisas nem tão positivas assim que me deixam bem nervosa, bem ansiosa; eu não sei o que vai causar na minha cabeça, o que vai causar no meu corpo, como eu vou reagir a tudo isso [...] eu já pensei em não ir, mas “bora lá” eu vou enfrentar isso”. O uso da primeira pessoa no trecho é a principal característica identificada na pesquisa bibliográfica sobre o jornalismo gonzo.

Enquanto a repórter preenche o formulário para a cerimônia, seu colega vai até ela e conversa sobre o que pede na planilha. Então Mariana comenta que são questões do tipo: se ela já teve alguma doença grave, se considera uma pessoa agressiva, ansiosa ou medrosa. Na sequência, Mariana se levanta e comenta: “eu já vou me trocar, que eu estou me sentindo mal já de estar aqui toda de preto”. Estes dois trechos são claramente identificados como jornalismo gonzo, por conta do uso da primeira pessoa. Pois ali, o que é levado em consideração, são as impressões do repórter.

Mariana segue para o vestiário para colocar o conjunto branco que recebeu a daimista. Conversa com outras integrantes da igreja e quando sai, conversa com a câmera – que enquadra Mariana em primeiro plano – e diz: “agora sim eu acho que eu já estou mais integrando aí, fazendo parte do ambiente. E fiquei mais ansiosa”. Neste trecho, a apresentadora segue tentando fazer com que o telespectador entenda o seu sentimento de participar do ritual.

Em conversa com a daimista, Mariana se mostra preocupada com o mundo novo que vai enfrentar após tomar o chá: “Eu acho que o desconhecido que dá medo né. Eu não sei como meu corpo vai reagir, como minha cabeça vai reagir. [...] Ela comenta sobre o suor das mãos, causada pelo nervosismo. “Gente, a minha mão está encharcada. Dá um nervoso. Acho que esse desconhecido é que me amedronta um pouco”. Segundo Lacerda (2007), os medos e impressões da repórter podem ser identificados como jornalismo gonzo.

Outro ponto importante da reportagem, é que a produção não se preocupou em buscar o contraponto de um médico para rebater no que se diz respeito aos efeitos do chá. A única abordagem neste sentido foi a entrevista com o daimista que produz a bebida. A repórter participa de um ritual que tem como base uma bebida alucinógena em rede nacional, e este contraponto, considerado um preceito fundamental do jornalismo, foi deixado de lado nesta reportagem, descaracterizando uma característica ímpar do jornalismo.

4.2. Descrição do programa 2 – 5 de maio de 2015 (Anexo 1)

O segundo programa a ser analisado inicia com imagens de apoio sobre treinamento militar. O episódio tem uma hora, um minuto e 24 segundos. A primeira aparição de repórteres é feita em um plano conjunto – quando há mais de um apresentador no enquadramento -, onde aparecem Cazé e Mariana Weickert; na sequência, a câmera foca apenas na apresentadora – em primeiro plano – e anuncia o programa (figura 4).

Figura 4: Mariana Weickert em primeiro plano



Fonte: *YouTube*

Novamente em plano conjunto, aparecem os apresentadores Cazé, Mel Fronckowiak e Mariana Weickert; e a câmera volta para Cazé – em primeiro plano – e comenta sobre o tema do programa. Então, aparecem algumas imagens da reportagem, e logo depois, imagens dos três repórteres falam um pouco mais sobre o que será visto naquele episódio. É usado plano conjunto e em alguns momentos planos detalhe (quando o foco é apenas o olho, ou a boca do personagem), e primeiro plano.

A primeira apresentadora a aparecer é Mel; ela anuncia que está em Manaus para acompanhar o mais intenso dos treinamentos do exército brasileiro. A repórter se apresenta ao capitão que irá orientar na reportagem. Na sequência, a apresentadora é acompanhada por uma mulher que a ajuda a vestir todo o equipamento. Quando Mel chega ao vestiário, ela olha para a câmera e diz “agora vocês fiquem aí que vocês já entraram no vestiário feminino, mas o banheiro, por favor, né”. Enquanto se arrumava, Mel se espanta e comenta: “eu também tenho um facão?! [...] gente que perigo! Olha aqui [...] se mete comigo aqui, ó”.

Já no transporte até a base militar, Mel faz alguns comentários sobre como está naquele momento: “muito calor e tem muita coisa (equipamento), eu estou começando a assar o meu pescoço [...] um pouco apreensiva, porque parece que a coisa lá vai ser tensa”. Ao chegar ao local onde ficará acampada por três dias, a apresentadora precisa cortar uma árvore para poder montar sua cama. Ao cortar a árvore, ela mostra para a câmera que fez uma bolha.

O segundo recorte é apresentado por Mariana Weickert, que acompanha o treinamento da marinha. A repórter vai de helicóptero até a base militar e logo que chega já se sente mal por conta da maresia. Ela transita dentro da fragata e conhece a sala de operações. Na sequência, Mariana aparece no lado externo do barco e conta que está perto do canhão que a qualquer minuto vai disparar. No canto superior esquerdo, o selo – que até então estava sendo utilizado para identificar o programa e o tema do mesmo – é usado para mostrar a localização da repórter (figura 5). Enquanto a repórter fala, o tiro é disparado e ela se assusta. Olhando para a câmera ela comenta sobre o susto que levou.

Figura 5: selo identifica a localização da repórter



Fonte: *YouTube*

A reportagem volta para Mel Fronckowiak que comenta com a câmera que o pelotão está se preparando para a hora do jantar. Os companheiros a ajudam orientando para onde ela deve ir e então ela pega a comida e volta para a fila. Mais tarde, o pelotão é orientado a camuflar mãos e rosto.

A produção do programa opta por um diário em vídeo da apresentadora. Logo depois que todos se acomodam para dormir, Mel faz um vídeo com enquadramento em primeiro plano (figura 6), dando a entender que seria a própria repórter a filmar. Depois, ela mostra que tentou escovar os dentes, falou sobre seu dia e mostrou um ninho de cupim. Mel comenta que vai deixar seu coturno virado na intenção não permitir que entre qualquer bicho; dá boa noite,

mas na sequência continua com o diário em vídeo e comenta que não consegue dormir, pois qualquer barulho a assusta. A reportagem mostra a apresentadora em conversa com o capitão e quando retorna para ela, já mostra o amanhecer.

Figura 6: diário em vídeo produzido por Mel Fronckowiak



Fonte: *YouTube*

Logo ao amanhecer, a reportagem acompanha Mel em sua barraca que comenta que é melhor se apressar para não atrapalhar o grupo, marcha com o pelotão e toma café da manhã na base. Após a distribuição de tarefas – onde Mel é designada a ficar com o soldado 95 na parte de rádio operação – ela se dirige à sua tarefa.

Assim, Mel segue até o helicóptero, que a deixa no local onde será feita uma missão de simulação de apreensão de um garimpo ilegal. Em meio à operação, a repórter desabafa sobre o cansaço que sente. A missão é bem-sucedida e o pelotão parte para a base. E então, Mel conversa sobre o que faz com que os soldados não desistam do curso, e suas motivações para estarem lá dentro.

A reportagem retorna ao treinamento da marinha, com Mariana Weickert, que já começa contando sobre o calor que está passando com o uniforme, e que foi orientada a olhar para o horizonte para evitar enjoos, mas não funcionaram. Mais tarde, é chamada para auxiliar em atividades do exército, mas logo depois disso, vai embora da missão.

Em conversa com o Coronel Dias, que explica o porquê do curso ser tão extremo e os custos de formar cada aluno para o exército brasileiro. Segundo o coronel, há sim essa necessidade de o soldado passar por tantas dificuldades, pois em um cenário de guerra, as condições serão tão escassas quanto à que eles são submetidos no treinamento.

Ao retornar para a base, a reportagem mostra Mel em sua última missão. Para finalizar o episódio, Mel Fronckowiak marcha junto ao grupo e logo depois é dispensada. A apresentadora comenta sobre o que passou ali nos três dias de treinamento militar e finaliza o episódio.

4.2.1. Análise do programa 2

O programa exibido no dia 5 de maio de 2015 pode ser considerado uma reportagem de fatos, por conta de o recorte ser trabalhado em um assunto específico e transitar dentro dele apresentando variados pontos de vista: três dias em um campo de treinamento militar e como é a preparação da marinha brasileira para proteger suas águas de ameaças. Também é importante comentar sobre o uso de um microfone lapela em todo o programa. Com isto, a reportagem se apresenta mais informal.

Para a segunda categoria da análise, serão usados os segmentos da reportagem, definidas por Nilson Lage (2004). O episódio sobre treinamento militar se enquadra melhor no segmento investigativo, pois ela visa descobrir um fato – neste episódio, mostrar como é o dia a dia do treinamento militar; treinamento este, que não é de conhecimento geral.

Na discussão entre o que é informação e o que é entretenimento, Dejavite (2006) cita o autor Samuel Winch, que determina aspectos que delimitam o discurso informativo do entretenimento. Neste caso, o episódio se apoia na informação, pois na funcionalidade, o episódio informa o telespectador com dados e vivência do repórter; na base epistemológica, ele apresente um conhecimento factual; na metodologia ele fica dentro da verdade – já que a outra vertente é baseada em fofocas e especulações.

O segundo episódio analisado também carrega traços do jornalismo gonzo. Em 2015 a produção e os apresentadores acompanharam o treinamento militar brasileiro. A todo o momento, a repórter conversava com a câmera para comentar o que estava sentindo, o que pensava sobre o lugar que estava, etc. Tais impressões também se caracterizam como jornalismo gonzo, uma vez que, o repórter-narrador se utiliza para contar a história em que ele, também é um personagem.

Logo no início do programa, o jornalismo gonzo pode ser identificado, quando Cazé anuncia que Mel Fronckowiak e Mariana Weickert “sentiram na pele” o treinamento militar brasileiro: “na selva e em alto mar, Mel e Mari sentiram na pele, no braço, na perna e praticamente por todo o corpo o que nossos soldados passam nos seus treinamentos”.

Quando Mel chega ao vestiário, ela olha para a câmera e diz “agora vocês fiquem aí que vocês já entraram no vestiário feminino, mas o banheiro, por favor, né”; este trecho pode ser identificado como sarcasmo por parte da repórter, e, tendo em vista que é uma das características do jornalismo gonzo, o trecho pode se enquadrar no gênero.

Enquanto se arrumava, Mel se espanta e comenta: “eu também tenho um facão?! [...] gente que perigo! Olha aqui [...] se mete comigo aqui, ó”. O tom de brincadeira da repórter também se enquadra no jornalismo gonzo; gênero que utiliza o humor como forma de se aproximar do telespectador. Quando a repórter diz “olha aqui”, ela conversa com a câmera, e consequentemente com quem assiste também, esta proximidade que a repórter cria é característica do jornalismo gonzo.

Conforme Mel se desloca até a base militar, juntamente com outros integrantes, ela comenta sobre a temperatura e o peso dos equipamentos que deve carregar, além da apreensão que sente por acreditar que a experiência vai ser tensa. Para autora Lacerda (2007), esta preocupação em fazer com que o telespectador entenda o que está sentindo, pode ser qualificada como jornalismo gonzo.

Na história do jornalismo gonzo, Hunter Thompson acompanha motoqueiros e reproduz todas as suas atividades. No programa A Liga, quando Mel precisa montar seu acampamento, ela precisa cortar uma árvore, e em consequência, faz uma bolha na mão. O jornalismo gonzo se faz presente mais uma vez, pois todas as atividades do grupo que ela acompanha – neste caso o exército – devem ser feitas pela própria repórter.

Segundo o autor Martelli (2006), o repórter-narrador pode ser identificado como jornalismo gonzo. Quando Mariana inicia o seu trecho do programa, ela já se inclui na reportagem: “hoje eu vou acompanhar de perto como o Brasil se prepara para proteger suas águas de ameaças que podem vir de qualquer lugar. Você confere como foi meu dia de marinheira a partir de agora”.

Em outro momento, a apresentadora comenta que costuma enjoar em barcos e também comenta: “estou há menos de 10 minutos aqui na fragata e não consigo nem ficar em pé direito. Pra eles parece muito normal, mas oscila muito e meu corpo não está acostumado com essa movimentação, então eu fico de um lado para o outro. Eu já estou mal”. Esta inclusão do repórter como um personagem também é jornalismo gonzo.

Em conversa com a câmera, Mariana anuncia que a partir daquele momento vai virar, oficialmente, uma marinheira. O humor contido em sua fala, quando brinca com a câmera que os marinheiros estão muito queridos com ela, mas que a partir dali, o treinamento começa de

fato, pode ser identificado como jornalismo gonzo; que se utiliza do humor para criar suas histórias.

Dentro da sala de operações, a repórter comenta com a câmera “sabe aquela cena de filme que a gente vê o comando da situação?”. Logo depois ela comenta sobre suas impressões, quando diz que acha que o comandante vai fazer com que ela faça o disparo do canhão, e em seguida comenta também sobre a sensação de fazer o disparo. Depois, na parte externa do barco, quando a apresentadora se assusta com o tiro de canhão, ela conta para a câmera sobre o que sentiu. E enquanto falava, mais um tiro é disparado. “eu ia falar exatamente isso: é não saber o exato momento do estrondo. Que daí tu prepara o teu corpo, né. Tu fecha o ouvido, enfim. Agora tá aquele (barulho) no ouvido”. Todo esse diálogo entre Mariana e a câmera, pode ser identificado como jornalismo gonzo, pois a repórter tenta fazer com que o telespectador entenda o que se passa naquele lugar.

A reportagem volta para Mel que comenta com a câmera que o pelotão está se preparando para a hora do jantar, e que ela está com muita fome. Conforma a apresentadora vai agindo, ela vai comentando com a câmera o que está sentindo e o que está acontecendo. Comendo em pé, ela comenta que está muito cansada e vai comer com muito gosto. Na sequência ela vai contando para a câmera os próximos passos que o pelotão vai dar.

Mel vai contextualizando o local. Pede para o cinegrafista desligar a luz da câmera para que o telespectador possa entender como o local é escuro, e que ela só pode ser visto por conta do auxílio da produção. Mais tarde, ao se camuflar, a apresentadora comenta que se sente uma guerreira ao se camuflar. Depois, dialoga com a câmera explicando o que será feito a seguir. Esta preocupação é identificada como jornalismo gonzo.

A produção do programa opta por um diário em vídeo da apresentadora. Logo depois que todos se acomodam para dormir, Mel faz um vídeo com enquadramento em primeiro plano e comenta: “está todo mundo já na sua rede e agora eu vou tentar escovar os dentes aqui se eu conseguir achar um lugar para fazer de banheiro [...] eu estou o dia inteiro sem tomar banho. Mel dá boa noite, mas na sequência continua com o diário em vídeo e comenta que não consegue dormir, pois qualquer barulho a assusta; a reportagem mostra também o momento que a repórter acorda e ela comenta que está com bolha nas mãos e muito cansada. A repórter contextualiza sua situação, e deixa o telespectador a par de como está o ambiente. Esta preocupação com quem assiste pode se encaixar no jornalismo gonzo.

Fronckowiak comenta no café da manhã que em outros momentos, jamais tomaria café com leite com nata, mas que naquele momento, a fome era tanta, que não estava

incomodada. Comenta também sobre como as pessoas mudam de opinião em momentos difíceis. A participação do repórter em todas as atividades do grupo em que está inserido foi o primeiro passo que Thompson deu quando começou seu novo gênero de jornalismo.

Ao chegar à tarefa que foi designada, Mel comenta que está tensa, pois nunca fez algo parecido. Em meio à operação, Mel comenta “eu não tenho condições de continuar se isso for muito mais longe. Eu estou no meu limite físico”, com isso, a repórter está se utilizando do jornalismo gonzo para expressar suas emoções.

Logo depois, já muito cansada, a apresentadora explica que a noite mal dormida e a escassez de comida, e naquele momento estar engatinhando no meio da floresta para uma missão, é humilhante. E comenta: “pra mim já passa um pouco dos limites de humanidade. Realmente tem que querer muito servir à Pátria, tem que querer muito entrar no exército, fazer um curso desses como voluntário. Só que eu não sou voluntária do curso, eu estou aqui para fazer uma matéria. Pra mim está chegando no limite. Normal, normal, não vou desistir agora, eu estou aqui com eles, mas...” e então, o produtor do programa interrompe e diz: “se você se propôs, você tem que ir até o fim”; Mel responde: “Você não precisa me falar o que eu tenho que fazer. Eu vou fazer. Eu estou falando que eu estou no meu limite”. Neste trecho, há também uma intromissão – que foge dos padrões do telejornalismo – da produção do programa, que de certa forma causa uma tensão maior na repórter. Fazer com que o telespectador entenda o que o repórter está vivendo é uma forma de jornalismo gonzo.

Ao fim da missão, a repórter é chamada atenção por fazer as atividades com muita lentidão. Depois, ela comenta com a câmera que apesar de a missão finalizar com sucesso, ela continua sendo chamada atenção; e na sequência diz – com semblante exausto e irritado – que os companheiros não param de gritar um minuto. Esse envolvimento do repórter com a história que ele conta, pode ser identificado como jornalismo gonzo.

Já no helicóptero, deixando a fragata Niterói, Mariana explica: “foi uma experiência muito válida, completamente diferente do que eu imaginava. Eu fiquei fascinada com a disciplina e com a entrega deles. É muito bom saber que a gente tem guardiões tão devotos da nossa Amazônia azul”. As impressões finais da repórter, que usa a primeira pessoa, e esta linguagem adjetivada usada pelo repórter, fogem dos padrões do telejornalismo, sendo caracterizadas então como jornalismo gonzo.

Enquanto a repórter fazia sua higiene antes da última missão à que foi designada, ela dialoga com a produtora, que pergunta “você não vai fazer a higiene no seu pé?”; “não, não dá tempo [...]”; “vai ficar com a bota molhada e a meia molhada?”; em um tom sarcástico, Mel

responde: “tem alguma sugestão pra mim?”; “Tira suas meias”. Este sarcasmo também é uma característica do jornalismo gonzo. Na sequência, a produtora pergunta “como é que está o pé?”; “está doendo. Não está nada bem. Não tem nada bem aqui. Só quem está bem, sei lá quem está bem. Eu não estou bem. Dois dias sem tomar banho, indo para o meio do mato, indo pra se rastejar na areia, se molhando, suando com esse calor... é complicado”. Os ferimentos da repórter e o seu desabafo são caracterizados como jornalismo gonzo.

Em meio a higiene, a repórter se atrasa para a missão e é mandada embora pelos soldados. Correndo até o acampamento de volta, Mel chora e diz “eu falei que eu não tinha tempo de ficar fazendo o negócio do pé. Tira a câmera da minha cara que mulher no exército não chora, por favor”. O envolvimento da repórter em chorar e lamentar ter perdido a missão, é identificado como jornalismo gonzo, pois ela está no meio que se propôs a contar a história e participar das atividades e não está conseguindo cumprir seu papel.

Fronckwiak conversa com o Primeiro-Sargento Ivonir, que conta sobre sua família. Após a conversa, Mel fala para a câmera que se emocionou muito em saber sobre os filhos do aluno 72. Para finalizar o episódio, a repórter dá suas impressões finais: “eu deixo o curso de guerra hoje, depois de três dias nessa experiência. Eu ultrapassei os meus limites físicos, mas principalmente os psicológicos. Muitas vezes eu perdi a tolerância, eu perdi a paciência, porque não é nada fácil estar o tempo todo com fome, com calor, com sono e com essa pressão que a gente é submetido todo o tempo, mesmo com todos os riscos, mesmo com todas as preocupações, eu entrei aqui, e eu estou saindo três dias depois com outros valores, valorizando as coisas mais simples da vida e me sentindo uma guerreira”. Tal impressão do repórter, e a vivência dele como parte da história que ele conta, é ponto principal da teoria que Hunter Thompson se propôs a realizar.

Neste episódio houve mais a preocupação em contar outros pontos de vista da história. O repórter participou do treinamento, conversou com quem é de fato um voluntário do curso, conversou com quem comanda as atividades e, não mostrou só o treinamento na selva, mas também, se preocupou em mostrar também como é a rotina da Marinha. Esta preocupação com o contraponto, característica importante do jornalismo, foi identificada no segundo episódio analisado, aproximando do jornalismo.

4.3. Descrição do programa 3 – 10 de maio de 2016 (Anexo 1)

O terceiro programa escolhido para análise é o episódio exibido no dia 10 de maio de 2016. O programa começa com imagens do Rio de Janeiro e um *off* que contextualiza a situação das favelas na cidade (figura 7) e comenta que desde 2008, a polícia lançou um programa – Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) – que visa acabar com o crime organizado, e segue com infográficos¹⁷ para mostrar os números do tema. O programa tem 55 minutos e três segundos.

Figura 7: Número de favelas no Rio de Janeiro – dados 2016



Fonte: *YouTube*

A primeira repórter a aparecer é Maria Paula, em um enquadramento de primeiro plano. Ela anuncia que são 8h30 e que ela vai subir o morro da Rocinha “vou subir o morro e ver se esse negócio de pacificação está rolando mesmo ou se é tudo história, conversa afiada [...] Inacreditável. Eu morei mais de 20 anos no Rio de Janeiro e estou subindo a Rocinha pela primeira vez. Como é que pode, né. A gente fica ali na zona de conforto, com medo da realidade que está aqui na esquina. Precisa de um motivo forte pra gente encarar a verdade. Vou começar a entender como é que está o dia a dia aqui da maior favela do Brasil”. A repórter caminha pela favela e conhece alguns personagens e lugares.

O repórter Thaíde se propõe a mostrar a vida de um instrutor de surf. Ele vai até o professor e entende o projeto. Ele acompanha a aula na praia e o professor o convida a participar desde o treino, ainda na areia, até entrar no mar. Ele tenta, e depois de algumas

¹⁷ “Os infográficos são reportagens construídas a partir do uso da linguagem visual, como fotografias, ilustrações, animações; e da linguagem verbal, apresentada em forma de infotextos” (apud ROCHA, 2007 p. 3 - 4).

tentativas, ele sai do mar, e comenta com a câmera: “o negócio é difícil. Acabei com a prancha. [...] ela (a prancha) saiu do meu pé... e se a pessoa não mantém a calma, ela dança... Feio!”.

Em outra favela – complexo do Alemão – Mariana Weickert aparece em primeiro plano contextualizando o local pelo viés da pacificação. Mariana acompanha o dia da coordenadora de polícia pacificadora, capitão da polícia militar, Paula de Souza. Em um carro comum, Mariana, Paula e um motorista vão até a sede da UPP Adeus/Baiana. Este trecho do programa dura cinco minutos e 25 segundos.

Outro repórter inicia um novo trecho. Guga apresenta a história da policial Alda Rafael Castilho. A profissional foi morta a tiros enquanto estava de plantão em uma UPP no Complexo da Penha. O repórter vai até a casa da mãe e irmã da policial morta e em entrevista, a mãe de Alda mostra o lado negativo da pacificação, quando afirma que as UPPs acabaram com a sua família – por conta de que a sua filha estava trabalhando quando foi morta.

A reportagem volta para Mariana, que segue com a policial Paula de Souza. Agora, a repórter vai acompanhar os policiais subir o morro e comenta com a câmera. Na sequência, já no morro, Mariana vai saindo do carro e conversando com a câmera: “já começou um clima mais tenso aqui, a gente estava em um bate-papo, e de repente começaram a olhar para o beco e falaram que no beco tem que realmente revistar”. Já no beco, depois de andar por alguns minutos, Mariana conversa com a câmera: “realmente eu acho que quando vai chegando nas vielinhas, vai cercando, acho que dá uma apreensão maior, obviamente, porque está todo mundo armado, a gente não sabe exatamente o que a gente vai encontrar nesses lugares; e como disse a capitão, o risco é constante”.

O repórter Thaíde aparece na sequência – em primeiro plano – para outro ponto de vista na matéria: o abuso de poder. Na favela da Rocinha Amarildo de Souza foi levado a uma unidade da UPP para ser questionado sobre um possível envolvimento com traficantes. Amarildo foi torturado e morto, além de ter seu corpo escondido. O caso aconteceu em 2013. Thaíde foi até a casa onde o ajudante de pedreiro morava e entrevistou sua esposa.

A filha de Amarildo participa da entrevista e fala que sua mãe disse que o pai estava viajando. Então Thaíde comenta que: “é muito complicado. Tem certas coisas que eu fico sem saída. Porque em uma situação como essas, poderia ser eu; eu tenho filhas também. Então eu fico sem jeito de fazer as perguntas por que é uma realidade que as pessoas só veem pela TV. Então é muito fácil ver pela TV, ler no jornal, ouvir os comentários. Mas quando você vem aqui e sente de perto a atmosfera, sente o clima, você fica meio perdido mesmo”.

Thaíde então acompanhado pela esposa de Amarildo e policiais, vai até o local onde o ajudante de pedreiro foi levado, e explica: “trouxeram o Amarildo pra cá, onde ele foi interrogado e torturado; pessoas ouviram gritos, e depois disso, assassinado, e até agora não se sabe onde estão os restos mortais”. Em frente ao, Thaíde pede para o cinegrafista apagar a luz da câmera para mostrar para o telespectador como o local é escuro.

Em um último viés, Thaíde sobe o morro do Canta Galo para conhecer um local novo, que surgiu depois da pacificação: o Bar da Gilda, onde conversa com algumas pessoas sobre suas impressões do novo lugar. Logo depois, Mariana Weickert aparece e conta que vai subir em uma laje para conhecer uma festa *funk* destinada a pessoas de classe alta na favela da Rocinha. Em conversa com as mulheres que frequentam a festa, elas explicam que a vantagem das festas na favela, é que as pessoas se soltam e não julgam umas às outras, então Mariana brinca: “gente, ou seja, hoje eu vou fazer coisas que eu nunca fiz lá em baixo”.

Para finalizar o episódio, Weickert conversa com a câmera em primeiro plano: “morro do Canta Galo, Complexo do Alemão, comunidade da Rocinha: a gente sai dos morros pacificados com ótimas histórias. A gente também sai daqui com uma triste verdade: a pacificação criou uma nova guerra, entre a polícia e o tráfico, que não tem nada a ver com paz. Com tantas vítimas entre policiais, moradores e o próprio pedreiro Amarildo, fica uma interrogação: será que o morro está mesmo pacificado?”.

4.3.1. Análise do programa 3

Quanto aos modelos de reportagem. O programa exibido no dia 5 de maio de 2015 pode ser considerado uma reportagem de fatos, por conta de o recorte ser trabalhado em um assunto específico e transitar dentro dele apresentando variados pontos de vista: o morador da favela, a vida de um instrutor de *surf* que dá aulas gratuitas com o intuito de tirar crianças da criminalidade da favela, a família de uma policial morta, o dia a dia dos policiais. Com influência desses variados recortes, há também a identificação da reportagem polêmica neste episódio, pois a questão das mortes de moradores e policiais levanta discussões sobre segurança e a eficiência das UPPs não só no Rio de Janeiro, mas no país todo. E também reportagem monotemática, pois o programa se utiliza da história de Amarildo de Souza, que foi torturado e morto por policiais, ou seja, a reportagem monotemática usa um acontecimento antigo para relacionar e contextualizar o presente. Também é importante comentar sobre o uso

de um microfone lapela em todo o programa. Com isto, a reportagem se apresenta mais informal.

Para a segunda determinante da análise dos episódios, serão usados os segmentos da reportagem, definidas por Nilson Lage (2004). O episódio sobre morros pacificados se enquadra melhor no segmento investigativo, pois ela visa descobrir um fato – neste caso se a operação da polícia foi positiva para a favela.

Na discussão entre o que é informação e o que é entretenimento, o autor Samuel Winch, citado pela autora Dejavite (2006), determina aspectos que delimitam o discurso informativo do entretenimento. Neste caso, o episódio se apoia na informação, pois na funcionalidade, o episódio informa o telespectador; na base epistemológica, ele apresente um conhecimento factual; na metodologia ele fica dentro da verdade – já que a outra vertente é baseada em fofocas e especulações.

Porém, neste episódio a questão do contraponto foi levada em consideração. Depois da pacificação, novas histórias aconteceram e as opiniões se dividiram. Este episódio se preocupou em contar sobre o instrutor de surf que se preocupa em tirar crianças da marginalidade; da policial que é responsável por uma das UPPs instaladas na favela; a história do civil que foi torturado e morto por policiais dentro de uma UPP; pessoas que podem andar tranquilamente pelas ruas da favela depois da paz instaurada; e a policial que foi morta em serviço. Todas essas histórias completam o episódio que, dos três analisados, teve a maior ligação com o jornalismo.

Quando Maria Paula começa o programa, ela comenta que em 20 anos morando no Rio de Janeiro, essa era a primeira vez que ela subia no morro da Rocinha. Neste contexto, o jornalismo gonzo pode ser identificado, pois o repórter se integra no meio que está vivendo, e não deixa de levar em consideração a sua vivência para contribuir com a reportagem.

Thaíde mostra a vida de um instrutor de surf que dá aula para crianças carentes da favela, ele é convidado a participar da atividade. Então, Thaíde entra no mar com as crianças e depois de algumas tentativas sai do mar e comenta com a câmera – em um plano americano e conjunto: “o negócio é difícil. Acabei com a prancha. [...] ela (a prancha) saiu do meu pé... e se a pessoa não mantém a calma, ela dança... Feio!”, tendo em vista que ele usa a sua experiência para comentar a atividade, este trecho pode ser considerado como jornalismo gonzo.

Mariana Weickert acompanha os policiais subir o morro e comenta com a câmera – em plano médio: “vendo toda essa movimentação que antecede uma operação, no fundo eu

me sinto até um pouco, não é insegura a palavra, mas sob alerta [...]”. Em seguida, ela contextualiza, enquanto sai do carro, que os policiais vão ter que revistar o beco e que o clima ficou um pouco tenso. Esta, que é a sensação da repórter, usada na primeira pessoa, pode ser enquadrada no jornalismo gonzo.

Mais uma vez, enquadrada em plano médio, Mariana comenta sobre a sensação de estar passando pelo beco acompanhada da polícia. Ela tenta fazer com que o telespectador entenda qual é a sensação de passar por aquele ambiente: “realmente eu acho que quando vai chegando às vielinhas, vai cercando, acho que dá uma apreensão maior, obviamente, porque está todo mundo armado, a gente não sabe exatamente o que a gente vai encontrar nesses lugares; e como disse a capitão, o risco é constante”. Esta busca na explicação dos sentimentos do repórter, também é considerado uma vertente do jornalismo gonzo.

Thaíde entrevista a esposa e filha de Amarildo, e neste trecho pode ser analisado mais uma passagem do jornalismo gonzo. Ele explica que é muito complicada aquela conversa sobre a morte do pai da menina, pois ele se coloca no lugar daquela família. “eu tenho filhas também. Então eu fico sem jeito de fazer as perguntas por que é uma realidade que as pessoas só veem pela TV”. De forma com intenção de fazer com que o telespectador entenda seu ponto de vista, o apresentador se introduz na história.

Mariana Weickert sobe em uma laje na favela da Rocinha para conhecer um baile funk destinado a pessoas de classe alta. Em conversa com as mulheres que frequentam a festa, elas explicam que a vantagem das festas na favela, é que as pessoas se soltam e não julgam umas às outras, então Mariana brinca: “gente, ou seja, hoje eu vou fazer coisas que eu nunca fiz lá em baixo”. Esta brincadeira pode ser enquadrada no jornalismo gonzo, pois é um gênero que se caracteriza por usar sarcasmo e humor para contar as histórias.

Para finalizar o episódio, Weickert conversa com a câmera em primeiro plano: “morro do Canta Galo, Complexo do Alemão, comunidade da Rocinha: a gente sai dos morros pacificados com ótimas histórias. A gente também sai daqui com uma triste verdade: a pacificação criou uma nova guerra, entre a polícia e o tráfico, que não tem nada a ver com paz. Com tantas vítimas entre policiais, moradores e o próprio pedreiro Amarildo, fica uma interrogação: será que o morro está mesmo pacificado?”. Tal questionamento, feito diretamente com a câmera, gera a dúvida no telespectador. Esta conversa direta pode ser identificada como jornalismo gonzo, quando a repórter conversa diretamente com o público.

4.4. Resultados da análise

Neste trecho da pesquisa, serão apresentadas tabelas com a análise quantitativa dos programas analisados e também a análise qualitativa, que diz respeito à tradução das tabelas. Os modelos de reportagem, segmentos de reportagem e as diferenças entre informação e entretenimento serão abordados através de tabelas. O jornalismo gonzo será abordado apenas na análise qualitativa por ser considerada uma abordagem subjetiva.

4.4.1. Análise quantitativa

No formato de tabelas, será feita uma avaliação quantitativa dos episódios através de três teorias. São elas: os modelos de reportagem segundo Felipe Pena (2015): reportagem de perfil, reportagem de fatos, reportagem polêmica, reportagem monotemática, reportagem de ação e a reportagem documental. Na sequência, os segmentos da reportagem, de Nilson Lage (2004): investigativa, interpretativa, e novo jornalismo. E por fim, no debate entre o entretenimento e da informação, o autor Samuel Winch, citado por Dejavite (2006), apresenta a ideia de que é necessário separar as duas vertentes. Para embasar sua teoria, o autor apresenta quatro diferenças entre eles. São elas: a funcionalidade, base epistemológica, a metodologia; pautas que serão abordadas nesta pesquisa.

Há também a possibilidade de uma mesma reportagem se enquadrar em mais de um modelo, segmento ou diferença entre entretenimento e informação. Elas serão consideradas nas tabelas, e depois, analisadas individualmente na análise qualitativa da pesquisa.

Tabela 1: Modelos de reportagem

Modelos de reportagem			
	2014	2015	2016
Reportagem de perfil			
Reportagem de fatos	X	X	X
Reportagem polêmica	X		X
Reportagem monotemática			X
Reportagem de ação			
Reportagem documental			

Fonte: Spilka, 2017

Tabela 2: Segmentos da reportagem

Segmentos da reportagem			
	2014	2015	2016
Investigativa	X	X	X
Interpretativa			
Novo jornalismo			

Fonte: Spilka, 2017

Tabela 3: Informação X entretenimento

Informação X entretenimento			
	2014	2015	2016
Funcionalidade			
Informação	X	X	X
Entretenimento			
Base epistemológica			
Factual	X	X	X
Ficção			
Metodologia			
Fofoca e especulação			
Verdade	X	X	X

Fonte: Spilka, 2017

4.4.2. Análise qualitativa

Neste trecho, é feita a leitura das tabelas a partir dos dados previamente apresentados na construção da parte teórica do presente trabalho. São elas: os modelos de reportagem segundo Felipe Pena (2015); na sequência, os segmentos da reportagem, de Nilson Lage (2004); e por fim, no debate entre o entretenimento e da informação, o autor Samuel Winch, citado por Dejavite (2006), apresenta a ideia de que é necessário separar as duas vertentes. Além de avaliadas as questões relacionadas aos gêneros jornalísticos, telejornalismo, reportagem, *infotainment* e jornalismo gonzo.

Para os autores José Marques de Melo e Francisco de Assis (2013), os gêneros jornalísticos podem ser decompostos em: informativo, que se divide em nota, notícia, reportagem e entrevista; opinativo, que engloba o comentário, resenha, coluna, crônica,

caricatura e no artigo, que eventualmente pode ser escrito por um intelectual ou colaborador; interpretativo: pode ser considerado um gênero que se aproxima do que é conhecido como reportagem; diversional - pode ser dividido em duas vertentes, a primeira, é relacionada à questão do entretenimento e divertimento, e a segunda, está ligada ao *new journalism*, por conta de sua relação com o jornalismo literário; e por fim, o gênero utilitário: gênero operacional ou um jornalismo de serviço. Com isso, o gênero interpretativo é o que mais se aproxima do que o programa A Liga apresenta, por conta de ser o gênero que traz a reportagem na sua definição.

No ponto de vista quanto do meio televisivo, Pena (2015) aponta o autor Nilson Lage, que defende que é o detalhamento do tema que define o interesse no assunto, e conseqüentemente, o maior número de dados para o repórter contextualizar o assunto com clareza. Isto é, dadas às reportagens terem sido classificadas como – na sua maioria – do gênero interpretativo, a teoria de Lage se enquadra, tendo em vista que o gênero é definido pelo assunto que já repercutiu, e naquele momento será tratado com mais detalhes e recortes.

Para Carvalho (2010), o que determina um assunto ser uma simples notícia ou uma reportagem especial é o ângulo que o repórter usa. O autor defende que, não necessariamente uma reportagem precise ser sobre um assunto inédito, mas que o olhar diferenciado do jornalista dê a essência ao material que será produzido. “A busca pelo “olhar diferenciado” ajuda o profissional a escapar de soluções simplistas, da miopia do pensamento” (CARVALHO et al., 2010, p. 28).

Não há ainda, um consenso sobre o que define uma grande reportagem. Segundo os autores Duarte e Castro (2006), “a grande reportagem se define muito mais pelo que ela não é, numa oposição ao jornalismo diário. Mas ainda assim ela precisa de atualidade, algo que dê sentido à sua existência numa televisão comercial” (DUARTE, CASTRO, 2006, p. 186). Dentro disso, analisando a atualidade dos assuntos tratados, pode-se afirmar que A Liga exibe grandes reportagens.

Os três programas são identificados como reportagem de fatos, ou seja, segundo Pena (2015), é aquela que se apropria da dramaticidade de um fato e explora o assunto, analisando novos recortes sobre o tema. Os episódios de 2014 e 2016 – Santo Daime e Morros Pacificados, respectivamente – podem ser consideradas reportagens polêmicas também. Tendo em vista que a reportagem polêmica é aquela, que como o nome já diz, trata de assuntos polêmicos, o Santo Daime, por ser um ritual bastante criticado por seu chá alucinógeno, se enquadra neste aspecto. Bem como o episódio sobre os Morros Pacificados,

que trabalham com um assunto que ainda é muito recente no Rio de Janeiro e divide opiniões entre os habitantes.

No caso da terceira reportagem, o segmento reportagem monotemática também se encaixa. Este conceito é definido por ser uma reportagem que relaciona um acontecimento a outros antigos para relacionar e contextualizar o fato, bem como com intenção de criar uma adesão do público. Sendo assim, o fato de usarem a história do Amarildo para abordar outros recortes sobre a realidade das UPPs, pode caracterizar tal segmento.

Outro ponto importante citado no trabalho é trazido pelo autor Rezende (2000). Para ele, a linguagem usada pelos jornalistas deve ser clara e coloquial. Este ponto é notado nos três programas analisados. Os repórteres fazem uso de gírias e uma linguagem simples para se comunicar, desde com os entrevistados até com o telespectador. Segundo Carvalho (2010), a linguagem é dada como uma peça importante – e eventualmente esquecida. Uma linguagem atraente pode ser definitiva para o telespectador seguir acompanhando o material ou não. Ele lembra que uma das responsabilidades do jornalista é alterar o que é “significativo” em “interessante”. (CARVALHO et al., 2010). Isto é, é papel do apresentador, transmitir a mensagem de maneira atrativa, com a intenção de aproximar o telespectador.

Para Rezende (2000), a televisão se divide entre icônica, linguística e sonora. Nas três reportagens, o icônico fala mais alto quando o programa faz uso de infográficos, imagens de apoio e variações nos enquadramentos. Os infográficos foram identificados no terceiro programa analisado. A reportagem inicia trazendo dados sobre as favelas do Rio de Janeiro e identificando a localidade de cada nova UPP. A produção também opta por diários em vídeo, produzido pelos próprios repórteres, identificados nos episódios 1 – quando Mariana conta sobre sua expectativa para experimentar o chá do Santo Daime, e 2 – quando Mel comenta sobre a dificuldade de dormir na selva em meio ao episódio sobre Treinamento Militar.

Além da linguagem, outro ponto a ser destacado, é relacionado à atualidade do assunto abordado. Este é o ponto onde a reportagem e o documentário se distanciam. A reportagem tem como compromisso a atualidade, porém, dentro dos três programas exibidos, apenas um se enquadra, que seria o programa 3, sobre a pacificação dos morros. Porém, em contrapartida, o autor Carvalho (2010) defende que é o ângulo que o repórter usa para contar a sua história que transforma uma simples notícia em uma grande reportagem.

Um ponto que distanciou o *infotainment* do programa A Liga foi a definição que a autora Dejavitte (2006), que citando Mark Deuze, defende que o *infotainment* é aquele jornalismo que apresenta informações. Ou seja, a prestação de serviço e o divertimento afins

ao receptor. Para Deuze, esse conceito “é o espaço destinado às matérias que visam informar e divertir, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano” (apud DEJAVITE, 2006, p. 72).

Contudo, Dejavite (2006) cita também a autora Cláudia Menezes, que defende que o uso de adjetivos e advérbios pelo repórter pode dar a impressão de que o leitor é o observador, e que se diverte enquanto se informa. Este caso pode ser encontrado no trecho do segundo programa analisado, quando Mariana deixa a fragata Niterói, comenta “foi uma experiência muito válida, completamente diferente do que eu imaginava. Eu fiquei fascinada com a disciplina e com a entrega deles. É muito bom saber que a gente tem guardiões tão devotos da nossa Amazônia azul”, esta linguagem adjetivada usada pelo repórter, foge dos padrões do telejornalismo, que podem se enquadrar no que Menezes cita.

Entrando para a teoria do jornalismo gonzo – onde não foram apresentadas tabelas – os três programas analisados se enquadram perfeitamente no que diz respeito aos padrões delimitados por Hunter Thompson. Contudo, uma questão muito debatida dentro do jornalismo é quanto à imparcialidade. Martelli (2006), mais uma característica do jornalismo gonzo se dá pela escrita na primeira pessoa, o que acaba com a isenção ideológica. Em uma conversa direta com o leitor, o autor do texto traça uma cumplicidade com a experiência que conta. “Outra peculiaridade é a valorização da experiência do repórter, a tal ponto que o mesmo se torna um personagem da história” (MARTELLI, 2006, p. 21).

Desconsiderando totalmente a questão da imparcialidade, torna-se papel do jornalista descrever a realidade que o rodeia. O uso da primeira pessoa do repórter foi identificado com frequência nos três programas analisados. Além disso, o “repórter-narrador”, usado com a intenção de fazer com que o telespectador se sentisse parte da história contada pelo apresentador, também foi muito presente nos episódios.

Para Martelli (2006), o jornalismo de Thompson consiste em uma narrativa excêntrica e no envolvimento do repórter com a pauta. Sendo assim, o maior envolvimento identificado, foi no primeiro episódio, quando Mariana toma o chá do Santo Daime. Neste episódio, exibido em 2014, a repórter toma o chá e deixa que seus efeitos sejam acompanhados pela equipe de reportagem, isto é, a doutrina, que carrega muitos preconceitos quando a sua crença, foi, sem nenhum tipo de preconceito, trabalhada em rede nacional. Além do envolvimento máximo da repórter com a pauta, este episódio também pode se enquadrar na vivência do repórter-narrador “sem pretensão de juízo de valor, focando apenas na experiência e na tentativa de fazer com que o leitor possa junto a ele, provar o acontecimento”

(LACERDA, 2007, p. 7). Lacerda (2007) cita os autores Castro e Galeno que se apoiam na afirmação de que o Gonzo se expressa em uma mistura de veracidade e da dramaticidade dos fatos, tendo como característica principal uma narrativa de qualidade.

Lacerda (2007) cita Werneck, que define o gonzo como um jornalismo não usual. O autor diz que não é aquele jornalismo que o repórter busca a objetividade

É jornalismo. Mas não o jornalismo usual, predominante, esse em que o repórter, em nome da imprescindível busca da objetividade, se sente desobrigado de servir ao leitor mais que uma pilha desinformações descarnadas – como se fosse isso a realidade. Como se a informação devesse ser, goela abaixo do leitor, uma espécie de pílula para astronauta, que nutre sem a obrigação de ser palatável. Como se, provindos da mesma raiz latina, saber e sabor pudessem andar juntos (WERNECK, 2004, apud LACERDA, 2007, p. 5).

Aspectos como ironia, humor e sarcasmos foram identificados poucas vezes, mas, o mais simbólico aconteceu no segundo episódio, quando Mel, em meio ao treinamento militar, já esgotada, é sarcástica com sua produtora que interfere em uma das ações da apresentadora. Por menor que seja a frequência, comparada ao uso do repórter-narrador, este aspecto pôde ser identificado. Trazendo assim o valor de jornalismo gonzo para a análise.

No primeiro episódio, o jornalismo gonzo foi usado na sua essência. A história deste gênero envolve o uso de drogas e álcool por parte do jornalista teve seus princípios respeitados. O uso da primeira pessoa por parte do repórter foi levada em consideração durante todo o tempo da matéria e o ato de tomar um chá alucinógeno para provar seus efeitos e a partir dali contar uma história, respeita totalmente o que o jornalismo gonzo prega. Porém, um ponto importante dentro do jornalismo é o contraponto, e neste episódio são mostrados os efeitos do chá e o apresentador comenta sobre a preparação. Todavia, a produção não se preocupou em mostrar uma opinião científica para os efeitos da bebida. Descaracterizando uma característica ímpar do jornalismo.

Com os anos, os programas não apresentaram mudanças expressivas em relação ao formato. Em 2014 o programa analisado tratou de três assuntos diferentes no mesmo episódio, já nos anos de 2015 e 2016, as edições abordaram apenas um. Assim como nos anos de 2014 e 2015 o programa contava com uma vinheta de abertura, o que não foi identificado no terceiro programa.

O programa de 2014, - sobre o Santo Daime – portanto, pôde ser enquadrado nos modelos de reportagem de fatos e polêmica; o segmento da reportagem identificada foi

interpretativa; e por fim, na discussão entre informação e entretenimento, ficou enquadrado em: informação, factual e verdade.

Em 2015, o programa exibido em 5 de maio, sobre Treinamento Militar, o programa se enquadrou apenas em reportagem de fatos; de segmento interpretativo; e na discussão proposta por Dejavite (2006) – através de Samuel Winch – pôde ser identificado como: informação, factual e verdade.

Por fim, o episódio de 10 de maio de 2016, que abordou a questão da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, se encaixou em três categorias de reportagem, são elas: reportagem de fatos, reportagem polêmica e reportagem monotemática. Quanto aos segmentos de reportagem, o episódio foi identificado como interpretativa. E por fim, na discussão entre informação e entretenimento, ficou classificado em: informação, factual e verdade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos programas exibidos, buscou-se entender o limite entre o jornalismo e o entretenimento e onde há o cruzamento de ambos. Respondendo a pergunta inicial: “Qual é o limite entre o entretenimento e o jornalismo no programa A Liga?”, pode-se dizer que todos os episódios podem ser considerados jornalismo.

O objetivo da pesquisa foi entender como se dá a sobreposição entre o jornalismo e o entretenimento no programa A Liga. Porém, conforme a pesquisa avançava, ficava mais clara a identificação do programa com o jornalismo – em especial com o jornalismo gonzo – e se distanciava cada vez mais da forma de entretenimento. Mesmo que em alguns momentos os episódios analisados não respeitem a premissa do jornalismo, que é o contraponto, eles carregam traços claros de jornalismo.

O telejornalismo tem se moldado com o passar dos anos. A necessidade de fidelizar telespectadores tem sido peça chave na busca por novos formatos, nova linguagem e novos rostos na televisão. Dentro desta ideia de novas formas de fazer jornalismo, a reportagem também buscou novos caminhos. Já não se vê – no resultado final – uma preocupação com a formalidade na hora de conversar com entrevistados e, no caso do programa analisado, não há utilização de estúdio para a produção das matérias. Esta despreocupação em manter o formato padrão do telejornalismo não peca no resultado final e traz com ela a ideia do jornalismo gonzo. Além do padrão estético, caracterizado pelo uso de infográficos e selos, a linguagem também é adaptada a esse novo formato, considerando que os apresentadores usam gírias e linguagem coloquial.

Atualmente, pode-se afirmar que os aspectos do jornalismo gonzo, assim como, a informação aliada ao entretenimento, tem se fortalecido. Nos anos 1950 quando Hunter Thompson começou a fazer uma nova forma de jornalismo, sofreu cortes por conta de sua narrativa, e durante anos lutou para que seu trabalho fosse reconhecido. Porém, hoje vemos que o jornalismo gonzo vem sendo cada vez mais utilizado em textos e programas televisivos, e por vezes, passando despercebido. O ato de trazer o repórter para a história e considera-lo um personagem junto aos outros, dá a ideia de inclusão do leitor na narrativa, deixando o resultado mais inclusivo.

Traços esses identificados no segmento da reportagem apresentada – interpretativa –, na diferenciação entre informação e entretenimento – informação, factual e verdade -, e também nos modelos de reportagem, que se basearam em assuntos polêmicos, o uso de uma

história antiga para contar um novo recorte e a reportagem de fatos, que é aquela que se apropria da dramaticidade de um fato e explora o assunto, analisando novos recortes sobre o tema. Além disso, características do jornalismo gonzo foram identificadas diversas vezes nos três episódios analisados. Isto é, os repórteres fizeram uso da primeira pessoa do repórter; o humor, na forma de ironia e sarcasmo; o texto opinativo, com a intenção de mostrar a vivência do repórter-narrador sem a preocupação com a busca de juízo de valor; o foco voltado apenas na experiência e na tentativa de fazer com que o leitor se sinta incluído no acontecimento. Assim, o programa cumpre com uma das responsabilidades do jornalismo citada nesta pesquisa que é aliar o que é significativo e relevante para o público com que é interessante e atrativo ao telespectador.

A partir do estudo, pode-se concluir também que a importância do jornalismo gonzo na televisão brasileira, sobretudo na TV aberta, se dá pela nova forma de linguagem e abordagem por parte do repórter – além da produção, levando em consideração a estrutura do programa e enquadramentos. A Liga, nesse quesito, tem também um diferencial por conta dos assuntos abordados. De maneira geral, o programa trabalha com assuntos polêmicos, atraindo um público que aprecia tais temas.

O que distanciou o *infotainment* do programa A Liga foi a definição que a autora Dejavite (2006), citando Mark Deuze traz, que defende que o *infotainment* é aquele jornalismo que apresenta informações. A prestação de serviço e o divertimento afins ao receptor. Para Deuze, esse conceito “é o espaço destinado às matérias que visam informar e divertir, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano” (apud DEJAVITE, 2006, p. 72).

Um ponto curioso identificado durante as análises é o porquê de a emissora classificar o programa como entretenimento, sendo que, perante o presente estudo, ele se comprovou como jornalismo. Há a possibilidade de que a ação esteja ligada com a intenção de atrair telespectadores que se afastam do rótulo de “jornalismo” dentro de uma programação.

Houve também alguns questionamentos quanto às teorias sobre o jornalismo gonzo. Em alguns momentos da pesquisa, teorias já presentes talvez não fossem o suficiente para suprir a demanda da análise, fazendo com que a tabela quantitativa para este trecho, precisasse ser excluída, por exemplo. Há a possibilidade de propor a criação de novos formatos para o jornalismo gonzo, também considerando o fato da falta de bibliografia sobre o tema para uma base teórica mais rica.

Além disso, foi percebida a ausência de bibliografia voltada a novos formatos dentro do telejornalismo. Teorias essas que se proponham a explicar a evolução dos formatos televisivos, bem como uma possível influência da internet neste meio que, mesmo com constantes mudanças, ainda é muito preso ao modelo tradicional.

A partir desse estudo, podem ser realizadas outras pesquisas sobre o tema. Alguns pontos voltados quanto à classificação feita pela emissora – que define A Liga como entretenimento pode levar a outros questionamentos e abordagens, como por exemplo, o fato do programa ser apresentado por profissionais mais ligados à moda e ao entretenimento do que ao jornalismo. Há a possibilidade de aprofundar o jornalismo gonzo no telejornalismo, auxiliando assim para a criação de novas bibliografias sobre o tema.

Referências bibliográficas

- BALLERINI, Franthiesco. *Jornalismo cultural no século 21*, São Paulo, Summus, 2015.
- BERLO, David. *O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática*. 8e.d. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1997.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*, São Paulo, Contexto, 2014.
- CUNHA, Albertino Aor da. *Telejornalismo*, São Paulo, Atlas, 1990.
- CARVALHO, Alexandre; et. al. *Reportagem na TV*, São Paulo, Contexto, 2010.
- CURADO, Olga. *A notícia na TV*, São Paulo, Alegro, 2002.
- DEJAVITE, Fabia Angélica. *INFOtenimento: Informação + entretenimento no jornalismo*, São Paulo, Coleção pastoral da comunicação: teoria e prática, 2006.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*, Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.
- DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. *Televisão entre o mercado e a academia*, Porto Alegre, Editora Sulina, 2006.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, Rio de Janeiro, Ed. Record, 2004.
- LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*, Petrópolis – Rio de Janeiro, Coleção fazer jornalismo, 2010.
- MARQUES DE MELO, José (Org.); Assis, Francisco de (Org.). *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo, Editora Metodista, 2015.
- MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª ed. Campos do Jordão, Mantiqueira, 2003.

PENA, Felipe. *Teorias do jornalismo*, São Paulo, Contexto, 2015.

PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska. *#telejornalismo: na rua e nas telas*. v. 2. Florianópolis, Coleção Jornalismo Audiovisual, 2013.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil*, São Paulo, Summus, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Coord.). *História da televisão no Brasil*, São Paulo, Contexto, 2010.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: Uma teoria crítica da televisão brasileira*, São Paulo, Editora Ática, 1996.

Referências bibliográficas digitais

ALMEIDA, Vitor; COUTINHO, Iluska. *Análise da saúde no telejornalismo público: a temática no Repórter Brasil edição noturna*, Rio de Janeiro, Intercom 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1828-1.pdf>. Consultado em: abril de 2017.

ASSIS, Francisco de. *O gênero jornalístico diversional na imprensa paulista: evidências nos jornais Valeparaibano e Correio Popular*, São Paulo, Intercom 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0262-1.pdf>. Consultado em: maio de 2017.

BAND. Informações obtidas no site da Rede Bandeirantes. Disponíveis em: <http://www.band.uol.com.br/grupo/historia.asp>. Consultado em março de 2017.

BAND. Informações obtidas no site da Rede Bandeirantes. Disponíveis em: <http://entretenimento.band.uol.com.br/aliga//2016/o-programa.asp>. Consultadas em agosto de 2016.

BUENO, Thaísa; REINO, Lucas Santiago Arraes. *Onde Está o Gancho? A difícil tarefa de hierarquizar informações*, Recife, Intercom 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0748-1.pdf>. Consultado em: abril de 2017.

CHIARIONI, Bruno Teixeira. *Jornalismo e Narrativa na Mídia Televisiva: O Programa Profissão Repórter*. Dissertação para o programa de pós-graduação da Faculdade Casper Líbero, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/02/10-jornalismo-e-narrativa-na-m%C3%ADdia-televisiva.pdf>. Consultado em: maio de 2017.

LACERDA, Luciene Mendes. *O jornalismo gonzo: um possível diálogo entre Hunter S. Thompson e Arthur Veríssimo*, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/O%20jornalismo%20gonzo.pdf>. Consultado em: março de 2017.

LEITE, Cecília. *New Journalism – 45 anos de verdade e ficção*. Intercom – XVII Prêmio Expocom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/expocom/EX23-0452-1.pdf>. Consultado em: abril de 2017.

MARTELLI, Franco. *Jornalismo gonzo: uma análise acerca do jornalismo literário*. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Comunicação Social e Jornalismo, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1490/2/20264463.pdf>. Consultado em: abril de 2017.

OTHITIS, Christine. *The Beginnings and Concept of Gonzo Journalism*, The Great Thompson Hunt, 1994. Disponível em: <http://www.gonzo.org/articles/lit/esstwo.html>. Consultado em: março de 2017.

PIZA, Mariana Vassallo. *O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica*. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Ciências Sociais Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf. Consultado em: maio de 2017.

ROCHA, Ellen. *Infográficos interativos: análise comparativa dos sites Ig, Veja e Estadão.com*, Brasília, Intercom 2014. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2014/resumos/R41-0102-1.pdf>. Consultado em: maio de 2017.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; RIBEIRO, Bruna Vanessa Dantas. *Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro – A Liga e o Espetáculo Pseudo Jornalístico*, Rio de Janeiro, Intercom 2015. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1084-1.pdf>. Consultado em setembro de 2016.

VALLE, Flávio Pinto. Reflexões sobre o papel da passagem no telejornalismo, Juiz de Fora, Intercom 2007. Disponível em:
<http://www.fafich.ufmg.br/gris/images/Reflex%C3%B5es%20sobre%20o%20papel%20da%20Passagem%20no%20telejornalismo.pdf>. Consultado em: maio de 2017.

VAZ, Tyciane Viana. *Gênero Utilitário*: Presença nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, São Paulo, Intercom 2008. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0204-1.pdf>. Consultado em: maio de 2017.

XAVIER, Aline; RODRIGUES Liliana. *Técnicas e práticas para elaborar reportagens telejornalísticas*, Manaus, Intercom 2013. Disponível em
<http://portalintercom.org.br/anais/norte2013/resumos/R34-0170-1.pdf>. Consultado em abril de 2017.

Anexo 1

-